

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

ERIKA SAMARA MARTINS DE OLIVEIRA

REVISTA TERCER MUNDO: REDES INTELECTUAIS E A CONSTRUÇÃO DE UMA
NOVA ORDEM INFORMATIVA INTERNACIONAL A PARTIR DA AMÉRICA LATINA
(1974-1975)

São Luís
2024

ERIKA SAMARA MARTINS DE OLIVEIRA

***REVISTA TERCER MUNDO*: REDES INTELECTUAIS E A CONSTRUÇÃO DE UMA
NOVA ORDEM INFORMATIVA INTERNACIONAL A PARTIR DA AMÉRICA LATINA
(1974-1975)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual do
Maranhão para o grau de licenciatura em
História.

Orientadora: Dr^a Carine Dalmás

São Luís- Ma
2024

Oliveira, Erika Samara Martins de.

Revista *Tercer Mundo*: redes intelectuais e a construção de uma Nova Ordem Informativa Internacional a partir da América Latina (1974-1975) / Erika Samara Martins de Oliveira. – São Luís, 2024.

70: il.

Monografia (Graduação) – Curso de História. Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

Orientadora: Profa. Dra. Carine Dalmás.

1. Revista Tercer Mundo. 2. América Latina. 3. Jornalismo Crítico. I. Título.

CDU 070.447:94(7/8)“1974-1975”

Elaborada por Lauisa Sousa Barros - CRB 13/657

ERIKA SAMARA MARTINS DE OLIVEIRA

**REVISTA TERCER MUNDO: REDES INTELECTUAIS E A CONSTRUÇÃO DE
UMA NOVA ORDEM INFORMATIVA INTERNACIONAL A PARTIR DA
AMÉRICA**

Monografia apresentada junto ao
curso de Licenciatura em História da
Universidade Estadual do Maranhão
para obtenção de grau de
Licenciatura em História

Aprovada em 23/08/2024

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carine Dalmás (Orientadora)

Profa. Dra. Lidiane Friderichi

Prof. Dr. Gabriel de O. R. V. Corrêa

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria Luiza Martins e Eliosmar de Oliveira, como fruto de anos de esforço diário para que eu pudesse alcançar lugares que para eles não foram possíveis. A eles deixo a minha eterna gratidão

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, antes de tudo, pois sem a sua força em forma de espiritualidade eu jamais conseguiria me manter firme no propósito.

Aos meus pais Maria Luiza e Eliosmar de Oliveira por toda dedicação até aqui, e às minhas irmãs Alice Cristina e Edlene de Oliveira pela parceria e irmandade que fazem parte do pilar que é a minha sustentação, pois esse é um sonho compartilhado com eles e batalhado junto com eles também.

Também sou grata à professora Dra. Carine Dalmás, pela oportunidade de ter sido sua orientanda e pela dedicação à minha pessoa.

Agradeço aos meus amigos, tanto àqueles que preferiram seguir outros horizontes, como àqueles que permaneceram ao meu lado, pois foram responsáveis por tornar essa passagem mais leve e alegre.

Agradeço a Universidade Estadual do Maranhão pelas inúmeras oportunidades de me desenvolver intelectualmente e pelas assistências que fizeram a diferença em manter-me matriculada e assídua. E ainda, pelo financiamento de pesquisas e disponibilidade de projetos que contribuem para formação discente.

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma tornaram esse projeto possível

*“Eu sou a flor que o vento jogou no chão
Mas ficou um galho que outra flor brotou
As minhas folhas o vento pode levar
Mas o meu perfume fica boiando no ar”*

(João do Vale)

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender o papel exercido por intelectuais latino-americanos face ao projeto de criação de uma Nova Ordem Internacional Informativa (NOII) a partir da revista *Tercer Mundo*, criada na Argentina, em 1974. Como desdobramento do projeto “Neiva Moreira, imprensa e circulação de ideias na América Latina (1950-1979)”, orientado por Carine Dalmás. Sua criação foi resultante da participação de diversos intelectuais no movimento terceiro-mundista, por vezes, unidos pela condição de exílio. Levou-se em consideração os pressupostos metodológicos concernentes ao trato da imprensa como fonte histórica. Em suma, concluiu-se que o periódico analisado desempenhou um papel crucial ao apresentar e debater questões políticas, sociais e culturais que marcaram as décadas de 1970 na América Latina, Ásia e África. Ao cobrir lacunas informativas e promover debates abertos, a revista contribuiu para o entendimento mais profundo das lutas enfrentadas nessas regiões, cumprindo assim sua missão de informar qualitativa e criticamente seu público sobre temas vitais para o desenvolvimento econômico e da justiça social no mundo.

Palavras-Chave: Revista *Tercer Mundo*, América Latina, Jornalismo crítico.

RESUMEN

Este trabajo buscó comprender el papel que jugaron los intelectuales latinoamericanos en el proyecto de creación de un Nuevo Orden Internacional de la Información (NOII) a partir de la revista *Tercer Mundo*, creada en Argentina en 1974. Como resultado del proyecto “Neiva Moreira, prensa y Circulación de ideas en América Latina (1950-1979)”, supervisada por Carine Dalmás. Su creación fue resultado de la participación de varios intelectuales en el movimiento tercermundista, unidos en ocasiones por la condición de exilio. Se tomaron en consideración los supuestos metodológicos respecto al tratamiento de la prensa como fuente histórica. En definitiva, se concluyó que el periódico analizado jugó un papel crucial en la presentación y debate de temas políticos, sociales y culturales que marcaron la década de 1970 en América Latina, Asia y África. Al cubrir las lagunas de información y promover debates abiertos, la revista contribuyó a una comprensión más profunda de las luchas que enfrentan estas regiones, cumpliendo así su misión de informar de manera cualitativa y crítica a su audiencia sobre temas vitales para el desarrollo económico y la justicia social en el mundo.

Palabras clave: Revista *Tercer Mundo*, América Latina, periodismo crítico.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1-Neiva Moreira junto a um grupo de exilados no Uruguai	35
Figura 2- Capa da revista <i>Tercer Mundo</i> , 1974	39
Figura 3- Capa da <i>Tercer Mundo</i> , 1975.....	40
Figura 4- Reportagem de Samora Machel na revista <i>Tercer Mundo</i>	46
Figura 5-Página da reportagem de Neiva Moreira na <i>Tercer Mundo</i>	59
Figura 6-Temário da <i>Tercer Mundo</i>	51
Figura 7- Fotografia do Ministro da Educação do Peru, General Ramón Ampuero...	53
Figura 7- Reportagem de Ian Chistie	56

LISTA DE SIGLAS

AIR	Agência de Imprensa Romana
AFP	Agence France Presse
CRP	Conselho da Revolução Portuguesa
DSN	Doutrina de Segurança Nacional
ESG	Escola Superior de Guerra
FA	Frente Ampla
FRELIMO	Frente de Libertação de Moçambique
IPS	Inter Press Service
MFA	Movimento das Forças Armadas
MNJ	Movimento Nacional de Justiça
MNR	Movimento Nacional Revolucionário
MPNA	Movimento dos Países Não-Alinhados
NOII	Nova Ordem Informativa Internacional
ONU	Organização das Nações Unidas
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 TERCEIRO-MUNDISMO, EXÍLIO E REDES TRANSNACIONAIS DE SOLIDARIEDADE NA AMÉRICA LATINA.....	19
2.1 NEIVA MOREIRA: EXÍLIO E ENGAJAMENTO POLÍTICO NA AMÉRICA LATINA	29
3 REVISTA <i>TERCER MUNDO</i> E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS NA AMÉRICA LATINA LATINA	30
4 VOZES DO <i>TERCEIRO MUNDO</i>: BANDEIRAS SOCIAIS, PROJETOS E DESAFIOS DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS NAS PÁGINAS DA REVISTA <i>TERCER MUNDO</i>.....	45
4.1 O COMPROMISSO COM UMA NOVA ORDEM INFORMÁTIVA: AMÉRICA LATINA, ÁFRICA E ÁSIA NAS PÁGINAS DA <i>TERCER MUNDO</i>	45
4.2 A REVISTA <i>TERCER MUNDO</i> EM 1975: AMÉRICA LATINA, ÁFRICA E ÁSIA.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1 INTRODUÇÃO

As revistas, por vezes, podem nos revelar novas possibilidades de análises e conjecturas sobre as épocas em que circularam. Nesse sentido, como afirma Sarlo (1992), nada é mais velho do que uma revista velha, uma vez que estas, como ferramenta de intervenção política e cultural, estão vinculadas ao seu tempo. Sob essa perspectiva, por meio da historicidade, o presente trabalho utiliza como fonte primária o periódico *Tercer Mundo*, fundado em 1974, na Argentina, durante a crise que antecedeu a última ditadura (1976-1983) neste país.

A revista circulou até 1975, quando seus colaboradores encerraram suas atividades devido às perseguições políticas do período golpista. Posteriormente, foi relançada no México com o nome *Cuadernos del Tercer Mundo* e foi publicada até 2006.

No debate intelectual contemporâneo, o conceito de *Terceiro Mundo*, então entendido como um conjunto de nações exploradas e negligenciadas, assim como o Terceiro Estado na Revolução Francesa, buscava emergir e construir sua própria imagem (Prashad, 2022). A escolha da denominação de *Tercer Mundo* expressa o interesse dos criadores da revista em reafirmar e projetar a identidade geopolítica e econômica do bloco de países que compunham esse espectro a partir da América Latina. Idealizada por José Guimarães Neiva Moreira, em parceria com Pablo Piacentini, e Beatriz Juana Isabel Bissio, a revista *Tercer Mundo* herdou experiências de inúmeras personalidades exiladas que se uniram em torno de objetivos comuns: fugir de perseguições e difundir suas ideias revolucionárias. Sujeitos oriundos de diversas regiões do mundo que suscitaram questões e problemáticas concernentes aos seus países.

Alfred Sauvy (1952), renomado cientista social francês, introduziu o conceito de Terceiro Mundo em 1952, estabelecendo uma analogia entre a posição dos países subdesenvolvidos na geopolítica global e o Terceiro Estado no Antigo Regime Francês. Estes países, majoritários em população e fornecedores de recursos naturais essenciais para a economia global, tinham pouca influência política nas decisões

internacionais. Essa percepção gerou intenso debate intelectual e foi adotada globalmente, dando origem ao *movimento terceiro-mundista*.

Ao utilizar deliberadamente o termo *Terceiro Mundo*, o editorial iniciou um debate central na conjuntura dos anos 1970, marcada pela efervescência do movimento terceiro-mundista. Como discutido por Albuquerque (2013, p. 225), na Argentina, o movimento expandiu-se, permeando os debates culturais e constituindo uma sensibilidade hegemônica que também influenciou o âmbito político.

As revistas culturais diferem dos livros pela intenção explícita de intervir ativamente na realidade. Com efeito, a presente fonte/objeto foi entendida como ferramenta de intervenção de intelectuais latino-americanos diante do objetivo de preencher supostos vazios informativos acerca dos países do Terceiro Mundo. Ademais, partiu-se da noção que os periódicos não são meros veículos de difusão de ideias, mas desempenham um papel crucial na configuração da cultura e da intelectualidade de seu tempo (Sarlo, 1992).

O recorte temporal do presente estudo é de 1974 a 1975, mas sua demarcação possui relação com acontecimentos anteriores. Esta escolha se justifica inicialmente pela emergência dos golpes militares no Cone Sul, especialmente a partir de 1964. Ademais, como afirma Albuquerque (2015), foi na década de 1970 que o terceiro-mundismo emergiu como uma sensibilidade e ação política, ganhando efervescência na América Latina e adquirindo novos contornos, principalmente na esfera cultural.

Albuquerque (2010), em "Los Intelectuales Latinoamericanos y La Construcción Cultural Del Tercer Mundo: Concepto, Imagen, Ideología (1952-1991)", explora o papel dos intelectuais da América Latina na construção cultural do referido conceito. Ele argumenta que o termo *Terceiro Mundo* emergiu como um discurso geopolítico e econômico, inicialmente associado aos estudos sobre subdesenvolvimento. Com sua apropriação militante, tornou-se um movimento que propunha medidas concretas para enfrentar as dificuldades dos países subdesenvolvidos.

Além disso, Prashad (2017) destaca a Conferência Afro-Asiática realizada em Bandung, em 1955, como um marco crucial para a conscientização sobre os impactos do imperialismo nas nações mais pobres do mundo. Da mesma forma, Bissio (2015) enfatiza a relevância da Conferência dos Não-Alinhados realizada em Argel, em 1973, destacando-a como um dos pilares da postura incisiva do *Terceiro Mundo*. Nessas conferências, foram discutidos temas pertinentes que resultaram em propostas concretas para a criação de uma Nova Ordem Econômica Internacional (NOEI) e uma

Nova Ordem Informativa Internacional (NOII), consolidando uma luta internacionalista baseada na solidariedade entre os países subdesenvolvidos.

A proposta de meios alternativos de informação lançada em Argel, em 1973, teve impactos significativos na América Latina, com a participação ativa de figuras proeminentes que, durante as ditaduras do Cone Sul, engajaram-se no debate terceiro-mundista e desenvolveram práticas culturais voltadas para o *Terceiro Mundo*. Nesse contexto, Albuquerque (2010, p. 10) destaca que "as revistas político-culturais desempenharam papel fundamental na promoção do terceiro-mundismo e na divulgação da realidade dos países da Ásia e da África ao público latino-americano"

Conforme assinala Piacentini (2014), na conjuntura de criação do Periódico, existia poucas representações dos países do hemisfério sul na grande mídia. As matérias eram escassas e frequentemente distorcidas, limitando-se geralmente a cenários de crises humanitárias e desastres naturais. Nesse contexto, o editorial do primeiro número, em consonância com tais constatações, declarou que sua missão era preencher uma lacuna informativa na América Latina sobre os acontecimentos do *Terceiro Mundo*.

Face ao objetivo de compreender a criação e a proposta do periódico, fez-se necessário analisar a trajetória dos idealizadores da revista, o que envolve aspectos materiais. Dessa forma, a análise da materialidade e do conteúdo das revistas como fonte de pesquisa histórica, esteve fundamentada na ruptura epistemológica da Escola dos Annales nos anos 1930, que ampliou o objeto de estudo historiográfico.

Nessa perspectiva, a pesquisa aproxima-se dos pressupostos de Tânia R. de Luca (2005) que destaca procedimentos essenciais para o tratamento dessas fontes, começando pela análise da materialidade dos periódicos. Isso envolve compreender as condições técnicas de produção da época, as práticas de leitura e circulação, e os significados atribuídos aos periódicos durante sua circulação.

Além da materialidade, a autora supracitada destaca que é crucial investigar os mecanismos de difusão e distribuição do periódico, sua tiragem e a recepção pública, o que contribui para uma contextualização histórica mais ampla. A análise dos conteúdos editoriais é igualmente fundamental, pois permite compreender as escolhas e motivações das ideias transmitidas pelos editores e colaboradores.

Entender a articulação do grupo responsável pela linha editorial e seus colaboradores é essencial para situar os periódicos no contexto das práticas de sociabilidade da época. Os editoriais, por exemplo, funcionam como espaços

privilegiados para expor as ideias e causas defendidas pela equipe, enquanto os artigos de colaboradores externos complementam essa perspectiva (Luca, 2005).

Ademais, Luca (2005) discorre que a análise do conteúdo pressupõe uma contextualização externa, relacionada ao conhecimento do contexto histórico específico e às mudanças ocorridas ao longo do período estudado. Esse enfoque multidimensional permite uma compreensão mais completa do papel das revistas como agentes ativos na configuração da cultura e da intelectualidade de seu tempo, contribuindo significativamente para a pesquisa histórica contemporânea.

Em diálogo com as concepções de Roger Chartier (2017), fez-se a abordagem da revista *Tercer Mundo* considerando-a um processo complexo que envolve múltiplas operações realizadas por diversos profissionais, como redatores, editores e revisores. Para o autor, uma obra não é uma entidade fechada, mas sim uma rede de relações que envolve diversos agentes e práticas. Entre esses profissionais, o papel do editor é especialmente destacado. Responsável por questões relacionadas à materialidade dos impressos e à sua produção comercial, este desempenha um papel crucial na transformação dos textos em publicações, moldando o discurso e definindo o formato final do produto editorial.

Diante disso, para entender a articulação dos colaboradores, empregou-se o conceito de redes intelectuais. Assim, a análise do corpo editorial da revista foi baseada em uma abordagem transnacional, que considera a experiência de exílio na América Latina, marcada pela circulação de sujeitos e interações, além das fronteiras nacionais. Esse direcionamento permitiu perceber a agência de intelectuais na luta internacionalista oriunda do movimento terceiro-mundista.

Nessa perspectiva, este trabalho é um desdobramento de um projeto de pesquisa mais amplo orientado pela Profa Dra. Carine Dalmás, intitulado *Neiva Moreira, imprensa e circulação de ideias na América Latina (1950-1979)*, que busca mapear a trajetória política de Neiva Moreira e seus posicionamentos defronte a realidade da América Latina entre 1950 e 1979.

Não obstante, dando continuidade às discussões, busca-se historicizar o projeto editorial da revista *Tercer Mundo*, com foco para a participação de intelectuais latino-americanos no movimento terceiro-mundista. Para tanto, foram utilizados exemplares específicos lançados entre setembro de 1974 e outubro de 1975 como fontes de análise. A escolha desses dois números visa entender o desenvolvimento do periódico durante o tempo de circulação entre 1974-1975

A argumentação está dividida em três momentos. Inicialmente, apresenta-se a noção de *Terceiro Mundo* e suas apropriações na América Latina, com ênfase para os apontamentos sobre a criação de uma Nova Ordem Informativa Internacional (NOII). Em seguida, explora-se o engajamento político de intelectuais latino-americanos na construção de meios informativos alternativos, com destaque para a trajetória de José Guimarães Neiva Moreira. Por fim, adentra-se na análise da fonte/objeto de pesquisa, onde caracterizou-se seu corpo editorial e as principais questões abordadas nas páginas do periódico.

2 TERCEIRO MUNDO E TERCEIRO-MUNDISMO: A CRIAÇÃO DE UMA NOVA ORDEM INFORMATIVA INTERNACIONAL

Na esteira dos conflitos da Guerra Fria (1947-1991) emergiu uma nova força política que buscou se distanciar dos blocos hegemônicos (Estados Unidos da América e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas). Tratava-se de um movimento construído em função da emancipação dos povos colonizados, caracterizados pela condição de subdesenvolvimento que, no decorrer do século XX, ascendem ao quadro das relações internacionais. O *Terceiro Mundo*, composto por povos da Ásia, África e América Latina, estavam dispostos a traçar estratégias de desenvolvimento econômico capazes de corresponder às expectativas de suas populações (Walker, 1989).

Como discutido anteriormente, o conceito de *Terceiro Mundo* emergiu nas discussões das relações internacionais a partir da constatação da situação de que tais países, apesar de possuírem importantes matérias-primas para indústria global, não exerciam influência nas decisões internacionais. Essa percepção provocou um intenso debate intelectual, sendo adotada por figuras de várias partes do mundo, que se apropriaram do conceito para traçar uma luta internacionalista, voltada para a superação do subdesenvolvimento: o terceiro-mundismo.

Ao tentar mapear a construção do *Terceiro Mundo* como projeto político, econômico e social, Prashad (2017) enfatiza a divisão tripartida do mundo. O *Primeiro Mundo* composto pela Otan e Europa Ocidental e o *Segundo* representado pela URSS e seu bloco comunista que ocupava um lugar de privilégio conquistado ao longo de anos de ação colonialista/ imperialista, enriquecendo-se às custas de países militarmente mais fracos. Para o autor, a criação do *Terceiro Mundo*, seja para afirmar-se ou não, emergiu no seio da construção histórica e em relação ao *Primeiro* e *Segundo Mundo*. Ademais, define-o como um projeto político e ideológico, um movimento de emancipação que contou com a participação de importantes lideranças

políticas como, Jawaharlal Nehru (1889-1964)¹, Fidel Castro (1926-2016)² e Gamal Abdel Nasser (1918-1970)³

O Terceiro Mundo não era um lugar. Era um projeto. Durante as batalhas aparentemente intermináveis contra o colonialismo, os povos da África, Ásia e da América Latina sonhavam com um mundo novo. Eles almejavam a dignidade acima de tudo, mas também as necessidades básicas da vida (terra, paz e liberdade). Eles reuniram suas queixas e aspirações em vários tipos de organizações, onde suas lideranças então formularam uma plataforma de demandas (Prashady, 2007, p.16).

Sendo assim, O *Terceiro Mundo* é percebido não apenas como uma categorização limitada ao nacionalismo e, por vezes, associada à pobreza e marginalização, mas como um projeto internacional que buscou superar os impactos do imperialismo nos antigos territórios coloniais. Nessa perspectiva, a consciência histórica e a negação ao imperialismo revelaram as facetas da dominação, colocando o direito à autodeterminação e a liberdade dos povos como questão central.

Em 1927, ocorreu em Bruxelas a liga anti-imperialista, evento que marcou a tomada de consciência histórica das ações decorrentes do imperialismo e viabilizou a formação de laços de cooperação entre intelectuais provenientes da Ásia, América e África. Desta forma, um aspecto pertinente na percepção *Terceiro Mundo* como um projeto é o processo de internacionalização de vozes anteriormente regionais que, após intensos conflitos internos, buscaram implementar estratégias de desenvolvimento econômico capazes de ascender às expectativas de suas populações, transformando o panorama das relações internacionais (Prashad, p.52).

Evidentemente, o imperialismo como sistema mundial, impactou profundamente os povos do terceiro mundo e esteve no cerne do debate terceiro-mundista. Como assinala Hobsbawm (1988), entre 1875-1914, existiu um número consistente de governadores que se autodeterminaram como imperadores. Processo acompanhado da repartição do mundo em áreas dominadas pelo seguinte grupo: Grã-

¹ Ao longo de sua vida, empreendeu esforços para a libertação da Índia. Como líder e político próximo a Mahatma Gandhi, lutou pela independência face ao domínio colonial. Após 1947, com a conquista da independência, se tornou o Primeiro-Ministro.

² Importante figura latino-americana, desempenhou um papel crucial na luta anti-imperialista do século XX. Como uma das principais lideranças políticas de Cuba, foi fundamental na derrubada da ditadura de Fulgêncio Batista, por meio de sua atuação no Movimento Revolucionário. Em 1959, ele assumiu o cargo de Primeiro-Ministro. Em 1976 tornou-se presidente de Cuba (Giro, 2002).

³ Vinculado ao pan-arabismo, buscou a unificação de países árabes em uma entidade política e cultura comum. Esteve na liderança dos esforços para a libertação e autonomia do Mundo Árabe. Militar e político, atuou na Revolução Egípcia de 1952, tornando-se posteriormente, o primeiro presidente da República Egípcia, usando sua posição para atuar na luta anti-imperialista (Nascimento, 2017).

Bretanha, França, Alemanha, Itália, Bélgica, Estados Unidos e Japão. O mundo estava dividido entre fortes e fracos e “[...] tornava-se cada vez mais claro que os países mais pobres e atrasados podiam ser facilmente vencidos e conquistados, devido à inferioridade técnica de seus armamentos” (Hobsbawm, 1988, p.27).

Em vista disso, a Conferência antiimperialista buscou repensar o imperialismo como um desafio a ser combatido coletivamente, reconhecendo seu impacto histórico e suas consequências para os povos subdesenvolvidos. Desta forma, representa um marco na luta internacionalista contra o imperialismo, sendo importante para projeção de lideranças políticas, anteriormente locais, ao status de figuras proeminentes.

Conjunturalmente, a emergência do *Terceiro Mundo* ocorre no contexto político da Guerra Fria, caracterizada por disputas entre URSS e EUA. Os países do Terceiro Mundo, perpassados pelo iminente conflito nuclear, buscaram uma nova alternativa, o Não-Alinhamento. Postura que ganhou seus contornos na Conferência Afro-Asiática, realizada em Bandung, em 1955. Para entender a posição dessas nações na arena mundial, pode-se considerar a argumentação de Hobsbawm (1994), acerca do embate fora da Europa:

A situação fora da Europa era menos definida, a não ser pelo Japão, onde os EUA desde o início estabeleceram uma ocupação completamente unilateral que excluía não só a URSS, mas qualquer outro co-beligerante. [...] o fim dos velhos impérios coloniais era previsível e, na verdade, em 1945, considerado iminente na Ásia, mas a futura orientação dos novos Estados Pós-coloniais não estava nada clara. [...] Foi nessa área que as duas potências começaram a competir, por apoio e influência, durante toda a Guerra Fria (Hobsbawm, 1994, p.179).

Conforme delimitado, os movimentos de libertação foram vistos como inevitáveis e as grandes potências buscavam construir zonas de influência junto às novas nações. Em vista disso, a Conferência de Bandung, realizada entre 18 e 24 de abril de 1955, na Indonésia, marcou a tomada de consciência em relação às demandas do *Terceiro Mundo*, em especial os países recém independentes. Nesse contexto, como os processos de independência ocorreram inicialmente na Ásia, os países afro-asiáticos ganharam uma posição de destaque face ao enfrentamento do colonialismo (Pereira e Medeiros, 2015). Aspecto que pode ser observado a partir da carta final da Conferência.

O acesso integral à carta não foi possível, no entanto, por meio de um esforço investigativo, conseguimos acessar alguns trechos. O documento publicado em inglês

pelo Instituto de Relações do Pacífico, conta com trechos de alguns discursos proferidos da Conferência, que resultaram na carta final. Entre os trechos, foi possível acessar falas dos estadistas Sukarno (1901-1970), da Indonésia e Sir Johan Kotelawala (1897-1980), do Ceilão (atual Sri Lanka). Ademais, apresenta declarações de Carlos P. Rômulo (1899-1985), da República de Filipinas e Chou En-lai (1898-1976), da República Popular da China.

A partir do acesso aos discursos, foi possível entender o protagonismo asiático e as potencialidades das considerações levantadas na reunião. Em 18 de abril de 1955, o então presidente da República da Indonésia, em um discurso fervoroso presidido na abertura da Conferência Afro-Asiática, chama atenção para o significado do encontro dos povos de cor, reconhecendo a diversidade dos partícipes, mas que suas diferenças “superficiais” não invalidam a pertinência de seus objetivos contra o colonialismo.

Todos nós estamos unidos por coisas mais importantes do que aquelas que nos dividem superficialmente e, estamos unidos pela aversão com à colonialidade, seja qual for a forma que ela apareça, por uma aversão comum ao racismo e por uma determinação comum de preservar e estabilizar o dinheiro na economia (Institut of Pacific Relations, 1955, p. 2).

Como pode-se perceber, o trecho da carta chama atenção para os fatores que uniam os países: a experiência comum do colonialismo e do racismo em suas distintas configurações e, principalmente, o anseio de superar o subdesenvolvimento.

Outro debate pujante refere-se à leitura dos países a respeito do iminente conflito entre EUA e URSS e, notadamente, a postura do *Terceiro Mundo* para evitar tal conflito. Para Sir John Kotelawala, a principal força dos países era a “fraqueza”.

[...] a capacidade que a nossa própria fraqueza nos confere de nos oferecermos como mediadores na disputa entre os gigantes do comunismo e do anticomunismo que, se forem combatidos até o fim, inundarão o mundo em sangue e deixarão a Terra infectada com radiação atômica por gerações ainda não nascidas ou que nunca nascerão (Institute of Pacific Relations, 1955, p. 8)

A fraqueza apontada refere-se à ausência de armas nucleares por parte do *Terceiro Mundo*. Isso, em grande parte, legitimaria a ação destes países como mediadores da paz entre duas potências nucleares. Assim, o uso de bombas de hidrogênio e seu potencial uso em larga escala, colocava o debate da paz em uma esfera mundial, pois havia o entendimento entre os participantes que um conflito direto

colocaria em jogo o destino da humanidade. Tornava-se necessário delimitar meios para garantir a segurança internacional, especialmente por meio da redução de armas. Em boa medida, o desarmamento, como bandeira levantada pelo *Terceiro Mundo* exprime tanto um sentido preventivo, considerando o contexto de Guerra Fria, quanto uma resposta à memória destas nações que enfrentaram durante anos da ação imperialista, os males da instrumentalização de armas em seus países.

Na carta final, constam as considerações acordadas durante o evento. Os países membros, apontaram a cooperação como principal postura a ser tomada. Segundo Tadeu Maciel (2009), o sentido prático da cooperação é o desenvolvimento de ações coordenadas para problemáticas que transcendem a capacidade individual. Neste viés, a cooperação econômica, cultural e tecnológica arregimentava ações coletivas, com objetivo de alcançar o desenvolvimento regional. Com efeito, o compromisso pela manutenção da paz mundial só seria alcançado por movimentações conjuntas na Organização das Nações Unidas (Institute of Pacific Relations, 1955).

A conferência afro-asiática enfatizou a promoção cultural e a cooperação entre países da Ásia e da África como meios para superar a influência colonial. Um aspecto central foi a valorização do conhecimento específico de cada nação, o intercâmbio cultural recíproco e a troca de informações como estratégias fundamentais nesse processo.

Dessa maneira, as novas nações buscavam o desenvolvimento e meios para industrialização, objetivo que contrastava com a realidade: a maioria das novas nações possuíam sua produção estritamente centralizada na exportação de matérias primas. Segundo Rodney (1975), a noção de subdesenvolvimento nasce de uma comparação entre dois padrões específicos: desenvolvidos e subdesenvolvidos. Em seu estudo sobre como a Europa subdesenvolveu a África, o autor analisa o fenômeno de empobrecimento do continente africano, em diálogo com o rápido processo de enriquecimento das nações europeias.

É possível comparar as condições, as economias dos dois países em períodos diferentes e determinar se evoluiu ou não. Também é possível comparar a economia de dois países ou grupos de países em qualquer período. [...] Outro aspecto é que esse conceito exprime uma relação particular de exploração, nomeadamente e exploração de um país por outro (Rodney, 1975, p. 26).

A partir das considerações, nota-se que o autor rejeita leituras imediatistas acerca da categoria “subdesenvolvimento”, uma vez que percebe tal condição como fruto de um processo histórico violento. Além disso, pensa no crescimento exponencial de grandes potências europeias junto a política imperialista.

Após a Conferência de Bandung, outra movimentação do Terceiro Mundo rumo a ação internacional ocorreu em 1961, em Belgrado. Marco para estruturação do Movimento dos Países Não Alinhados (MNAL), que surgiu como desdobramento das pautas levantadas em Bandung. Dentre as quais pode-se salientar a postura de “não alinhamento”.

Nesse sentido, destacam-se as preocupações com a ideia de uma crise na paz mundial, que abriram margens para intensificação do debate sobre o desarmamento, a responsabilidade das grandes potências, a não interferência e autodeterminação. Temas que surgem diretamente atrelados aos caminhos necessários para manutenção de uma paz duradoura. Assim sendo, a guerra, tida como evento eminentemente evitável, é acompanhada do entendimento da dimensão demográfica dos países membros e sua força defronte às rivalidades do mundo bipolarizado. Os países presentes assumiram postura de não alinhamento à bipolaridade do mundo na Guerra Fria, o que significou um novo horizonte político, científico e social. Ação que abriu margem para o *terceiro mundismo*, corrente de grande impacto nas relações internacionais, na medida que impulsionou novas formas de pensamento (Espósito, 2019).

O conceito de *Terceiro Mundo* ganhou destaque nas Ciências Sociais e Econômicas, adquirindo uma dimensão cultural através do trabalho de intelectuais que promoveram sociabilidades terceiro-mundistas, baseadas na solidariedade mútua entre nações e continentes. Embora os latino-americanos não tenham tido uma presença significativa nos encontros que marcaram o prelúdio do movimento, desempenharam um papel ativo na construção de laços culturais com africanos e asiáticos (Albuquerque, 2010).

Para compreender melhor o movimento terceiro-mundista na América Latina, destacam-se as contribuições de Germán Albuquerque, cujos artigos como "Los intelectuales Latinoamericanos y La Construcción del Tercer Mundo: Concepto, Imagen, Ideología (1952-1991)" e "Terceiro Mundo e Terceiro-Mundismo no Brasil: para sua constituição como sensibilidade hegemônica no campo cultural brasileiro - 1958-1990", publicado em 2010, foram fundamentais para ampliar a compreensão do

terceiro-mundismo na América Latina, revelando suas especificidades, especialmente no contexto do Brasil e da Argentina.

Ao analisar o paradigma na América Latina, no contexto da Guerra Fria, Germán Albuquerque (2020), delimita, inicialmente, o Cone Sul, com ênfase para Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Para o autor, o movimento na região assume como principal postura o “Não Alinhamento” anti-imperialista, ademais, aponta a década de setenta como conjuntura de grande incidência do terceiro mundismo na região. Entre as regiões, o autor chama atenção para Argentina: “Em matéria de livros, a indústria editorial argentina vê o surgimento de um número considerável de obras associadas ao Terceiro Mundo” (Albuquerque, 2020 p.30, tradução nossa).

Na Argentina, além da dimensão em produtos culturais, o enunciado terceiro-mundista também esteve presente no discurso político, principalmente atrelado ao peronismo. Na obra “Tercer Mundo y tercera posición: desde sus orígenes hasta nuestros días”, Roberto Baschetti (2015) reúne uma série de documentações que, ao fim e ao cabo, exprimem a postura de Juan Domingo Perón na política exterior através da noção de *tercera posición*⁴, conceito pertinente para entender a adesão de Perón no projeto terceiro-mundista. A título de relevância, o discurso de Juan D. Perón, pronunciado em agosto de 1973, ante da legislação da câmara, define “Terceiro Mundo” como um conceito que reúne, semanticamente, um horizonte de expectativas:

Nosotros estamos y estaremos ahí, estaremos dentro del concepto de lo que esa gente defiende: un tercer mundo. Un tercer mundo que en el futuro no dejará que los imperialismos puedan resolver el problema de la organización universal a su provecho y beneficio, y en perjuicio de todos los demás (Baschetti, 2015, p.343).

Em 1957, Bernardo Albert, secretário geral do Movimento Nacional de Justiça (MNJ), define o peronismo como concepção política que se aproxima aos anseios do *Terceiro Mundo*: “Seu estado é o de beligerância contra o imperialismo e está alienado dentro do *Terceiro Mundo* das nações que lutam por sua libertação para se salvarem do atraso e da miséria em que pretendem mergulhá-los” (Baschetti, 2015, p.343, tradução nossa). Mais uma vez, o *Terceiro Mundo* é apropriado como categoria que

⁴Marcada por uma posição independente, baseada no autodeterminismo nacional, que a partir de 1955, assume uma postura de não alinhamento face às grandes potências imperialistas da soberania nacional, a independência e a integração latinoamericana. (BASCHETTI, 2015)

buscava superar as problemáticas comuns aos países mais pobres, politicamente identificados na luta contra o imperialismo.

Felipe Herrera (1977), em “América Latina y el Tercer Mundo”, apresenta novas circunstâncias prevalecentes na conjuntura da década de setenta, indícios de cooperação técnica que iria superar os vínculos de dominação Norte-Sul. Portanto, o *Terceiro Mundo* na América Latina se configura como ponto de partida para reafirmação de laços, objetivando um progresso intra-regional, ou seja “o que é interessante é o reconhecimento de um novo fato histórico e aspiração, ou seja, que a parte dita "submersa" da humanidade está correndo para se conhecer, dialogar, buscar soluções e frentes comuns” (Herrera, 1977, p.17, tradução nossa). Além disso, destaca a pertinência na Organização das Nações Unidas (ONU) como espaço de discussão e alinhamento. A exemplo, na VI Sesión Especial da Assembleia das Nações Unidas, o *Terceiro Mundo* “[...] declara que os países do Terceiro Mundo devem "promover a auto-afirmação internacional do interesse mútuo com o objetivo de estimular seu desenvolvimento acelerado” (Herrera, 1977, p.17).

Desta forma, o *Terceiro Mundo* ganhou força no contexto da Guerra Fria. Neste cenário, Bissio (2015) destaca a IV Conferência de Cúpula dos Não Alinhados, realizada em 1973, em Argel, como momento áureo, uma vez que ampliou o protagonismo latino-americano, com a participação da Argentina, Chile e Peru. Por outro lado, tornou-se significativo porque trouxe uma análise mais profunda ao tema das causas do subdesenvolvimento. Os representantes do *Terceiro Mundo* buscaram perceber as diversas formas de dominação presentes no mundo, proporcionando um novo destaque para a colonialidade (Bissio, 2015).

A criação de uma Nova Ordem Informativa Internacional(NOII) afluía como uma possibilidade na tentativa de equilibrar os fluxos informativos, como discorre Bissio (2014, p. 18,) “não haveria desenvolvimento enquanto os principais meios de comunicação e as agências de notícias continuassem sob o controle de uns poucos”. Coadunando com a autora, Prashad (2017) verificou o aparelhamento das mídias aos interesses hegemônicos, com ênfase para reprodução de imagens, uma vez o *Primeiro Mundo* utilizava a mídia para sufocar a capacidade das nações mais negras de exercer sua autonomia política.

O estudo de Mehl (2011) sobre a mídia latino-americana durante a Guerra Fria examina como os Estados Unidos exerceram influência sobre a região, tanto de maneira direta quanto indireta. Destaca-se que os Estados Unidos estabeleceram

alianças econômicas através de investimentos em infraestrutura como rádios e emissoras, como a brasileira Rede Globo. Esses investimentos não apenas fortaleceram a presença econômica dos EUA na região, mas também facilitaram a disseminação de conteúdos culturais americanos, como filmes e músicas.

Além disso, ressalta que um pequeno número de agências de notícias, como agências informativas, exercia um controle significativo sobre os conteúdos distribuídos na América Latina. Isso sugere que a perspectiva dos eventos e questões locais muitas vezes era moldada por uma visão externa, refletindo uma narrativa dominada pelo Norte construída de fora para dentro.

Em conjunto, esses aspectos indicam que durante a Guerra Fria, a mídia desempenhou um papel crucial na consolidação do domínio dos Estados Unidos sobre a América Latina, tanto por meio de investimentos econômicos quanto pela influência cultural e controle informativo. Essa análise é essencial para compreender as dinâmicas de poder e influência na região durante aquele período histórico e a relevância das considerações discorridas em Argel.

Corroborando com tal leitura, Piacentini (2014), demonstra que a falta de informação sobre os países não desenvolvidos do Sul, resulta em um conhecimento limitado sobre suas realidades políticas, econômicas e sociais. Lamenta que, salvo durante desastres naturais, poucas informações estavam disponíveis e muitas delas carregadas de preconceitos culturais, contribuindo para uma imagem escassa e distorcida desses países. Denuncia, também, as leituras imediatistas produzidas por agências informativas controladas pelo Norte que, em boa medida, reproduziram imagens de instabilidade política, pobreza e insegurança. Pressuposto que prejudicava os fluxos de investimento para países do Sul, na medida em que os grandes investidores estavam permeados por tais representações.

A relação entre mídia e poder, esteve no cerne da criação de uma NOII. A respeito disso, Denis Moraes (2013) reflete acerca da complexa relação entre a produção midiática, monopolizada pelo grande capital, com destaque para a ação norte-americana, e seus desdobramentos na produção de consensos sociais e legitimadores da ordem social. Portanto, os recursos midiáticos podem destacar-se por seu potencial de manipulação da massa, mas também podem ser ferramentas de contrapoder e articulação de movimentos sociais que, ao perceberem tais potencialidades, inserem-se na dinâmica cultural.

Posteriormente ao encontro de Argel, constatou-se a necessidade de uma NOII. Ocorreu em 1976, na capital do Sri Lanka, a V Conferência dos Não-alinhados. Conforme discutido por Goés (2015), o alvo principal foi a crítica ao monopólio da informação por parte de agências europeias e norte-americanas. A saber, a Agence France Presse (AFP) e a britânica, Reuters. Do lado americano tem-se as agências Associat Presse (AP) e United Prees Internacional (UPI). Discussão que teria sido aprofundada em 1980, com a publicação do Relatório McBride, pela ONU. Ainda como discorre o autor, o respectivo relatório deu visibilidade ao tema, reconhecendo o monopólio da comunicação e informação no mundo, oferecendo então, possibilidades para superar as desigualdades nos fluxos informativos. Dentre as quais cabe salientar a formação de uma comunicação alternativa.

O *Terceiro Mundo*, ao perceber as mídias como ferramenta de contrapoder criam fontes alternativas. Como assinala Pozo (1996), o surgimento de novas alternativas ocorreu em decorrência da degradação do mundo unilateral, na conjuntura da Guerra Fria, surgindo assim, novas alternativas de informação. “[...]Os sistemas de troca de informações começaram a proliferar com o objetivo de operar como fontes alternativas de informação que poliam a dependência da mídia ocidental” (Pozo, 1996, p.90, tradução nossa). Assim, no decorrer de debates políticos sobre a relevância da criação da NOII, entendida como imprescindível para o desenvolvimento, as nações buscavam se diferenciar das redes de comunicação dominadas pelo grande capital (Bissio, 2015).

O discurso terceiro-mundista acerca de novos meios informativos fomenta o engajamento político de intelectuais que, perpassados pelo debate, criaram alternativas e fontes de informações sobre países do Terceiro Mundo. A título de exemplo, em 1964, Pablo Piacentini funda a *Inter Press Service* (IPS), criada a partir da Agência de Imprensa Romana (APR), de caráter não lucrativo, que teve como objetivo, converter-se como ponto de informações entre Europa e América Latina. Em *El mundo de Inter Press service: una cobertura informativa global*, Pozo (1996), define a IPS, como uma agência de notícias de caráter não lucrativo, com objetivo de converter-se como ponte de informação entre Europa e América Latina, entre 1968 e 1977, à IPS amplia seu compromisso com países do Terceiro Mundo colocando em circulação “[...] informações alternativas focadas em questões relacionadas às necessidades dos povos, fatores potenciais que podem contribuir para o

desenvolvimento de fluxos informativos alternativos (Pozo, 1996, p.92, tradução nossa).

Diante do exposto, como foi evidenciado, as discussões provenientes do movimento terceiro-mundistas ensejaram novos debates acerca da dominação em sua faceta cultural. Dessa maneira, os apontamentos sobre a necessidade de repensar a imprensa como um dos expoentes da dominação, desdobraram-se em práticas de intervenção cultural por intelectuais entre os povos do *Terceiro Mundo*. Debate que perpassa a segunda metade do século XX, ganhando novos contornos nas primeiras décadas do século XXI, à luz dos sucessivos golpes civis-militares. Visto isso, buscando entender os desdobramentos das discussões levantadas no movimento dos Não-Alinhados, toma-se para inquirição as construções de novas alternativas informativas, com foco para as revistas culturais e engajamento político de intelectuais latino-americanos por meio dos impressos.

3 TERCEIRO-MUNDISMO: EXÍLIO E REDES TRANSNACIONAIS DE SOLIDARIEDADE NA AMÉRICA LATINA

Como discutido anteriormente, o *Terceiro Mundo* foi um projeto de cooperação entre países mais pobres, daqueles que sofreram com o subdesenvolvimento oriundo da dominação colonialista, impulsionada no século XIX pelo novo imperialismo. Do ponto de vista simbólico, suscitou novos debates e criou um horizonte rumo ao desenvolvimento. Ademais, nota-se que contou com a atuação de figuras produtoras de discursos e significados atuaram de forma efetiva no ambiente político cultural, dentre os quais cabe salientar o papel de José Guimarães Neiva Moreira, e sua trajetória de colaboração com Pablo Piacentini e Beatriz Bissio. Figuras eminentemente importantes na América Latina, que estiveram diretamente engajadas na construção da NOII. Intelectuais que, em boa medida, estiveram unidos pela experiência de exílio que marcou profundamente o contexto de violência vivenciado na região.

Na América Latina, a circulação de indivíduos entre países no Cone Sul, em decorrência dos golpes militares e violações de direitos, produziu um elevado número de sujeitos em condição de exílio. Processo definido por Bárbara Geromil (2022), como “exílio conosureño”, ocasionado por sucessivas experiências autoritárias no continente.

Na América Latina, as experiências autoritárias, desde a década de 1960, com o golpe civil-militar que lançou o Brasil em uma longa ditadura, passando pela derrocada em cadeia dos governos no Uruguai e no Chile, em junho e setembro de 1973, respectivamente, e na Argentina, em março de 1976, também foram eficazes em produzir massas de pessoas deslocadas (Geromil, 2022, p.851).

Como referido pela citação acima, uma das consequências das ditaduras foi a produção de uma massa de exilados. O que demonstra a grande dimensão do autoritarismo na região que atingiu, de forma específica, diferentes realidades nacionais.

Desta forma, os intelectuais de esquerda foram diretamente afetados pela política de eliminação dos conflitos, característicos das democracias, seja por meio da censura e redução da capacidade política, com prisões e torturas ou com o exílio. No caso das ditaduras do Cone Sul, os debates sobre socialismo e revolução foram silenciados em seus territórios, uma vez que eram considerados como uma ameaça nacional. Segundo Fernandes (2009), uma das primeiras medidas tomadas pelo novo

governo civil-militar brasileiro foi "a eliminação da vida pública e política dos setores de oposição", onde o "inimigo interno" era constituído pelo movimento sindical, militares legalistas e políticos do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

Face às inúmeras ditaduras deflagradas na América Latina, a região tornou-se produtora de centenas de exilados que fugiam da repressão, mas continuavam perpetuando suas ideias. Na esteira dos golpes, inúmeros intelectuais, em diferentes contextos nacionais, organizaram suas causas e resistiram no exílio. Assim como no Uruguai, "[...] os intelectuais brasileiros, argentinos e chilenos que durante a ditadura ficaram na sombra ou que estiveram no exílio, formaram essas redes que atuaram de modo muito significativo (Wasserman, 2022, p 240).

Ao discutir a ação de brasileiros no exílio em Argel, Cruz (2016), dialoga com conceito de redes transnacionais de ação política, que "[...] caracterizam-se por interações e colaborações de exilados e militantes políticos residentes em distintos países com o intuito de concretizar ações de oposição a regimes autoritários" (Cruz, 2016, p.16). Na mesma perspectiva, Ribeiro e Ayla (2022), pensando no exílio latino-americano e na solidariedade durante a Guerra Fria, empregam o conceito de redes de solidariedade transnacionais, que teriam se estabelecido na segunda metade do século XX. Elas exploram as práticas internas de solidariedade que, em decorrência da circulação de exilados entre as nações, formaram redes militantes engajadas no enfrentamento do autoritarismo, ensejadas pela concepção de uma cultura de luta internacionalista, vinculada ao terceiro-mundismo. Destarte, o exílio, apesar de ser amplamente reconhecido como uma experiência dolorosa, também é percebido como um catalisador para a construção de novos engajamentos políticos, promovendo diálogos e intercâmbios significativos.

As relações estabelecidas entre intelectuais e os impressos, no contexto das ditaduras militares, podem ser interpretadas como um fenômeno de resistência e continuidade da ação política das organizações de esquerda e do conjunto das forças democráticas expulsas de seus países durante os regimes autoritários. Portanto, a palavra transcendia as fronteiras nacionais, ganhando novos contornos na experiência do exílio.

Nesse cenário, certas redes de cooperação intelectual tiveram como cerne da ação política os impressos. Na época da opressão civil-militar, a existência de engajamento político de caráter socialista confrontou-se, continuamente, com a insegurança vigente nos países latino-americanos. Assim, à medida que os ativistas

trabalhavam, tornaram-se alvo de perseguições, sendo necessário buscar exílio em outro país. Ao rememorar a constante condição de exílio, Bissio (2021) enfatiza a necessidade de mudar-se continuamente.

3.1 NEIVA MOREIRA: EXÍLIO E ENGAJAMENTO POLÍTICO NA AMÉRICA LATINA

Nesse panorama, a fim de contextualizar e caracterizar o ambiente de criação da revista *Tercer Mundo*, toma-se como locus de observação a trajetória de exílio do jornalista, intelectual e político brasileiro José Guimarães Neiva Moreira, iniciado em 1964, com a instauração do golpe no Brasil.

Optou-se, inicialmente, por construir reflexões pautadas nas memórias presentes na obra *Neiva Moreira, el sembrador de las rebeldías*, organizada por Jhonatan Almada, em 2017, que reúne depoimentos de companheiros de exílio, admiradores e figuras políticas que, ao fim e ao cabo, descrevem alguns movimentos do jornalista no mundo. Não obstante, as obras e relatos de sua companheira de exílio, Beatriz Bissio, serviram para delimitar os espaços percorridos por Neiva Moreira como colaborador e idealizador da revista *Tercer Mundo*. Além disso, cabe destacar também, “Os cubanos na África”, obra produzida por Moreira e Bissio (1979) e “Pilão da Madrugada: um depoimento a José Louzeiro” (1989).

Filho de Antonio Neiva Moreira e Luzia Guimarães, teve a infância marcada por dificuldades financeiras. Construiu íntima relação com a prática jornalística. Dessa maneira, por meio de reportagens carregadas de criticidade, inicia a construção de uma escrita que assume, deliberadamente, posição de enfrentamento contra grupos políticos no âmbito estadual, nacional e, sobretudo, internacional (Moreira, 1989).

Segundo Daniel Pécaut (1990), os intelectuais conservam um papel político insubstituível, dado que auxiliam o desenvolvimento de consciência revolucionária na população, “[...] cabe-lhes demonstrar que o desenvolvimento econômico, a emancipação das classes populares e a independência nacional são três aspectos de um mesmo projeto de libertação” (Pecaut, 1990, p.16). Destarte, como representante dos anseios do povo, Moreira iniciou sua carreira política afinada às temáticas progressistas, democratas e nacionalistas.

Neiva Moreira adentrou na política maranhense em meados do século XX, quando o Maranhão vivia sob o domínio de oligarquias coronelistas. A respeito disso, Lacerda (2020) discute o conceito de coronelismo a partir da análise política do estado

e a atuação de Vitorino Freire entre 1945 e 1965. Deste modo, define a articulação política maranhense a partir da atividade política de representantes do poder regional e sua relação com o poder central, como parte de um jogo de interesse entre elites que, visando uma ação patrimonialista do Estado, utilizam-se de cargos na administração pública para legitimar sua influência. Nesse sentido, o vitorinismo é definido “[...]enquanto uma organização político-administrativa, representou uma relação de mando e obediência tecida entre a população maranhense, majoritariamente analfabeta, carente e de extrema pobreza (Lacerda, 2020 p.)

Apesar da proeminência de lideranças hegemônicas, a partir de 1750, o estado vivenciou gradual abertura para novas figuras políticas e Neiva Moreira foi uma delas. Como aponta Buzar (1997), após sua intervenção na imprensa por meio do *Jornal do Povo*, o jornalista ganhou relevância como crítico do vitorinismo, principalmente após a sua prisão, adentrando na vida política como deputado em uma eleição marcada por fraudes eleitorais.

Entretanto, após 1964, início da ditadura civil- militar no Brasil, João Goulart, então presidente da república, teve o governo brutalmente interrompido. O regime democrático foi subvertido, iniciando um intenso período de repressão e censura. Ademais, significou o esvaziamento político.

No artigo, *Vargas e Goulart: o populismo em questão*, Fonseca e Salomão (2020), perspectivam as controvérsias do período pré-ditadura militar no Brasil. Como axioma explicativo, os autores exploram a dificuldade contínua do presidente Goulart de manter a pluralidade partidária no campo político-ideológico. Interpretado como herdeiro da política nacionalista-desenvolvimentista. Em contrapartida, como vivenciado na década de 1960, o desequilíbrio das disputas partidárias significou a emergência de grupos autoritários.

Como evidencia Borges (1994), a instauração do regime autoritário na América Latina, especialmente no Brasil, é um fator histórico que deve ser compreendido por meio da longa duração, uma vez que perpassa a construção dos regimes democráticos.

Em 1964, a intervenção militar assume um caráter assegurador da ordem social. Todavia, em contraposição ao papel desempenhado na década de 30, com destaque para o Movimento Tenentista (1920-1930), observa-se drástica transfiguração na postura mediadora das Forças Armadas, uma vez que, por meio do

regime civil-militar, estes tornaram-se dirigentes do Estado (Fonseca e Salomão, 2020).

Com base na Doutrina de Segurança Nacional (DSN), os militares desenvolvem aparatos repressivos de tortura e censura contra opositores interpretados como ameaças iminentes. Segundo Borges (2003), o argumento anticomunista esteve presente na lógica da Escola Superior de Guerra (ESG), responsável por desenvolver a referida DSN. Assim, diversos setores das Forças Armadas, sobretudo os membros da chamada linha-dura, acreditavam na articulação interna de um movimento comunista orquestrado pela União Soviética que deveria ser combatido

A vista disso, Padrós (2012), discute que no centro da doutrina estava a proposta de profissionalização do exército que, assumiria socialmente, a tarefa de defender a nação da “ameaça subversiva”. Como consequência, a segurança e necessidade de defesa, alcançava também setores civis e a eliminação de forças conflituosas.

Evidentemente, a trajetória política de Moreira afina-se a questões progressistas, segundo Paulo Filho (2017), levou-o a iniciar um exílio na Bolívia em 1964, país que havia passado por uma revolução protagonizada pelo Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR), liderado por Paz Estenssoro, então presidente do país. Conforme discute Santos (2013), a vivência no exílio era angustiante, uma vez que a saída de sujeitos considerados “indesejáveis” no Brasil, era um processo resultante de uma série de coerções, prisões e, em alguns casos, tortura. Desta forma, a condição de exílio vivenciada, inicialmente na Bolívia, revela os impactos de sucessivas crises políticas, ideológicas e militares no século XX, sobretudo na América Latina que, entre as décadas de 1960 e 1970, experienciou a deflagração de diversos golpes militares.

Em depoimento a José Louzeiro (1989), Moreira rememora perseguições sofridas nos trajetos percorridos por brasileiros exilados. Na Bolívia de pré-ditadura, junto a líderes da MRN, fundou o jornal *Clarín* que, a priori, teria fracassado, mas que ao longo da estruturação teve sucesso, ganhando relevância entre os leitores.

Aspecto que colocou o grupo de Neiva Moreira, Leonel Brizola e Beatriz Bissio na mira dos militares. Decerto, a reprimenda direcionada ao jornal e seus colaboradores foi acompanhada da paulatina erosão do governo de Paz Estenssoro, golpeado no dia 4 de novembro de 1964. Nesse contexto, a posição do exército na sociedade sob o poder da MNR, possuía novos contornos. Como aponta Andrade

(2005), em 1953, com a reestruturação das forças militares, voltadas para o objetivo da revolução popular, o governo buscou formar um novo exército, nomeando oficiais provenientes dos setores populares. Todavia, com a ascensão do governo de Siles Suazo, ocorre a modificação da política, voltada para introduzir os militares como defensores da soberania e dos interesses nacionais. Conforme o autor, sobretudo a partir de 1961, o governo buscou despolitizar o exército, tornando-o ferramenta de suporte social e político.

O exército tornava-se, de maneira crescente, o suporte político e social que começava a faltar aos governos do MNR.¹⁶ As eleições presidenciais de 1964 representaram, de maneira dramática, essa nova situação. Victor Paz Estensoro candidata-se à presidência, incorporando como candidato a vice o general René Barrientos, depois de afastar Juan Lechín – mais importante líder sindical do país – da mesma pretensão. Era o sinal de que as bases sociais do regime haviam mudado completamente de posição (Andrade, 2009, p.136).

É justamente no bojo das mudanças políticas apontadas, que em 1964 os militares instauraram o golpe civil-militar. Existe um consenso entre Borges (2003), Prados (2020), Salomão (2012) sobre a influência da DSN na América Latina e sua relação com a emergência da ação golpista.

Portanto, a permanência na Bolívia foi inviabilizada, sendo necessário exilar-se no Uruguai em 1965, onde Neiva Moreira deu continuidade à ação política como jornalista (Moreira, 1989, p.213). No Uruguai, iniciou a colaboração entre Neiva Moreira e Beatriz Bissio.

Figura 1- Neiva Moreira junto a um grupo de exilados no Uruguai



Fonte: *O pilão da madrugada*, 1986.

Leonel Brizola, Eduardo Galeano, Beatriz Bissio e Neiva Moreira desenvolveram trabalhos que alcançaram relevância face à conjuntura de pré-ditadura colaborando nos jornais *Izquierda*, *El Oriental* e *El Debate*. Como jornalista de "Ahora", dedicou-se à causa da Frente Ampla (FA), organização política de esquerda populista, aliada à esquerda uruguaia.

Galeano e Neiva Moreira trabalharam junto com outros jornalistas do semanário "El Oriental" (uma referência ao nome oficial do Uruguai "República Oriental do Uruguai"). Esta publicação, ligada ao Partido Socialista, alcançou um importante movimento no Uruguai pré-ditadura, graças ao esforço de sonhadores e ativistas quixotescos que não só não recebia nada pelo trabalho de edição do semanário como também financiaram do próprio bolso, em grande parte, esta publicação (Bissio, 2015, p.24).

Com o golpe militar no Uruguai em 1973 e buscando fugir da ditadura, Beatriz Bissio e Neiva Moreira buscaram exílio na Argentina. Conforme afirmam Teixeira e Lendolfo (2023), após a IV Conferência dos Países Não-Alinhados, realizada em 1973 na cidade de Argel, Moreira teria retornado à América Latina com o objetivo de criar uma mídia informativa voltada para os acontecimentos do *Terceiro Mundo*. A Conferência de Argel esteve marcada por debates acerca da constatação do desequilíbrio de fluxos informativos e a necessidade de criar uma saída terceiro-mundista para a problemática.

Conforme Sarlo (1992), o ato de idealizar a publicação de uma revista está diretamente ligado à intervenção dos intelectuais como participantes da política cultural, pois eles constituem discursos que articulam espaços de intervenção e alinhamento político e defesa da ordem social, entendida como imprescindível na manutenção dos laços entre povo e nação. Além disso, na segunda metade do século XX, os intelectuais assumem posturas de defesa frente às ameaças externas ligadas ao imperialismo. Esses esforços podem ser restritos a contextos locais ou ampliados nacionalmente, como resultado da apropriação e ressignificação de representações.

Dessa maneira, Bissio e Moreira, junto aos seus colaboradores, permeados pelo debate sobre a NOII, identificaram lacunas e vazios interpretativos acerca dos fatos operantes no *Terceiro Mundo*. Na revista *Tercer Mundo*, criaram um espaço de sociabilidade entre intelectuais provenientes de distintas partes do mundo que

projetam a partir do periódico, suas visões de mundo e causas sociais, em um quadro de acirramento das tensões no cenário político argentino.

Nessa conjuntura, a Argentina vivenciava um cenário social marcado pelo aumento da violência política que caracterizou os anos anteriores ao golpe que deu início à última ditadura argentina (1976-1983). De acordo com Heloísa Ribeiro (2021), desde 1955, existia a intervenção dos militares no cenário político, cujos pilares seriam a exclusão do peronismo, e a projeção das Forças Armadas nas esferas públicas.

O processo de crise autointitulada “Revolução Argentina” foi acompanhado de uma campanha de retomada de poder por parte do peronismo. [...] diversos setores do peronismo articularam campanhas políticas para o retorno de Perón ao país e à presidência. Contudo, devido às restrições impostas pelos militares para as eleições de 1973-4, Perón não pôde concorrer à presidência. Mesmo assim, o candidato peronista Héctor Cámpora sai vitorioso das eleições e renúncia ainda no mesmo ano, ocasionando a convocação de um novo processo eleitoral (Ribeiro, 2022, p. 102).

Perón foi então eleito novamente e durante seu governo entrou em ação a Aliança Anticomunista Argentina, conhecida como *Triple A*. Pensando o quadro político, do regime militar à democracia, Sain (2000) reflete sobre a ampla institucionalização do poder das Forças Armadas como consequência da debilidade civil e democrática das elites que, paulatinamente, utilizavam-se do comportamento intervencionista dos militares, aproveitando-se da perseguição de seus adversários. O autor verifica, após a queda do general Juan Domingo Perón, três orientações políticas correlacionadas que modificaram profundamente a sociedade argentina: exclusão política do peronismo, o papel assumido pelas Forças Armadas e a aceitação política dessas condições.

Estes apontamentos feitos por Sain (2000) dialogam com as percepções de Andrade (2005) sobre a ampla participação de setores civis nos golpes militares e, principalmente, a sua articulação política diante das transformações do cenário político nacional. Sendo assim, as forças militares não eram vistas como instituições fechadas e isoladas, mas sim como um setor interventor que, continuamente, estabelece pactos e acordos com os interesses das classes dominantes.

O pleno desenvolvimento do periódico foi limitado pelo quadro político argentino. A força paramilitar “*Tripla A*” marcou a história do país pela forma como deu início à perseguição política de opositores do governo, utilizando como recurso

sequestros, assassinatos e introduzindo a prática dos desaparecimentos forçados por meio de ações que marcaram o cotidiano da população (Bissio, 2022, p.2).

Em vista disso, os colaboradores do *Tercer Mundo* foram apossados. Em entrevista, Bissio (2021) relatou a violência que vitimizou e coagiu os membros da revista: “*Todo mundo ameaçado. [...]Tivemos que sair de Buenos Aires. [...]Tivemos colaboradores que foram mortos. [...] O grupo inicial se dispersou*” (Bissio, 2021). Mediante a condição de insegurança o grupo de intelectuais se dispersou, lançando posteriormente a *Tercer Mundo* no México, sob o nome *Cuadernos Del Tercer Mundo*, ganhou novos contornos, sendo divulgado na América Latina, circulando em inglês, português e espanhol.

Nesse cenário, empenhado na construção de novas narrativas sobre os países subdesenvolvidos, os colaboradores viajaram a vários países, entrevistando lideranças políticas e ativistas. O objetivo era fornecer novas leituras sobre as bandeiras levantadas no *Terceiro Mundo*, diferenciando-se das representações da grande mídia, costumeiramente pautada em leituras maniqueístas que tendiam, evidentemente, a corroborar com a degradação da imagem de movimentos revolucionários (Bissio, 2021).

4 REVISTA *TERCER MUNDO* E A CIRCULAÇÃO DE IDEIAS NA AMÉRICA LATINA (1974-1975)

Na década de 1970, o movimento terceiro-mundista alcançou efervescência entre intelectuais latino-americanos, estando presente como uma sensibilidade hegemônica na Argentina. Neste cenário, as revistas teriam promovido o terceiro-mundismo, apresentando ao público latino-americano a realidade de países africanos e asiáticos, anteriormente percebidos como distantes (Albuquerque, 2010).

Ao abordar os procedimentos relacionados ao uso da imprensa como fonte histórica, Luca (2008) destaca os impressos como empreendimento coletivos que congregam diversos indivíduos com o propósito de disseminar informações escritas. Esse aspecto também é enfatizado por Chartier (2014), que concebe as obras como centros de múltiplas interações, sendo entidades abertas permeadas por experiências individuais

Partindo dessas considerações, a *Tercer Mundo*, como um periódico colaborativo, se configura como um espaço de sociabilidade terceiro-mundista ao se propor a conhecer e conectar figuras dos três continentes. Esses aspectos estão alinhados com os apontamentos de Albuquerque (2010) sobre as revistas político-culturais, que tinham a missão de apresentar ao público latino-americano a realidade dos países africanos e asiáticos e colocar em contato povos de diferentes culturas.

Na revista, Moreira assumiu um papel central como editor geral da revista, coordenando os esforços para selecionar os melhores manuscritos e garantir a coesão editorial. Para Sousa (2015), o editor desempenha um papel crucial como filtro no processo editorial, contribuindo para a qualidade e relevância dos artigos publicados. Esse papel se enquadra na lógica de produção de livros e na importância do conselho editorial, que facilita a interação eficaz entre todos os agentes envolvidos no projeto.

Com o objetivo de apresentar os fatos sob uma perspectiva interna, a *Tercer Mundo* contou com o envolvimento de políticos, intelectuais e militares latino-americanas, africanas e asiáticas. Certas figuras, como Samora Machel, diretamente envolvido com a luta de Moçambique, possibilitaram uma coleta de dados significativa. No entanto, em alguns casos, como o de Fode Amado, não foi possível encontrar dados precisamente sobre sua participação no periódico.

Tabela 1 – Colaboradores do periódico Tercer Mundo, 1974 e 1975

Colaboradores- setembro de 1974	Nacionalidade	Colaboradores- outubro de 1975	Nacionalidade
Beatriz Bissio	Uruguaia	Beatriz Bissio	Uruguaia
Pablo Piacentini	Argentino	Pablo Piacentini	Argentino
Neiva Moreira	Brasileiro	Neiva Moreira	Brasileiro
Samora Machel	Moçambicano	Xavier del Valle	Não encontrado
Aquino de Bragança	Indiano	Ian Christie	Não encontrado
Fode Amadou	Não encontrado	José Rivero H	Venezuelano
Vessa Burennett	Não encontrado	Luc Chessex	Suíço
Jawdat El Atassi	Não encontrada	Ahmad Farouhy	Não encontrado
Knize Hussein	Não encontrada	Pietro Petrucci	Não encontrado
Yanrahava Akio	Não encontrado	Ibrahim Abu-Lughod	Palestino
Argel V. Ruocco	Uruguaio	Rodolfo Terragno	Argentina
Jorge Fernández Maldonado	Peruano	Pablo Giussani	Argentino
Abraham Lama	Não encontrado	Gabriel C. Ross	Suíço
Marcelo Q. Santa Cruz	Bolívia	Luis Guagni	Argentino
Carlos Abalo	Argentino	Ramón Miranda Ampuero	Peruano
Juan D. Perón	Argentino	—	—

Fonte: Revista *Tercer Mundo*

Nota: Tabela elaborada pela autora

Como pode ser observado, houve uma notável rotatividade entre os colaboradores da revista *Tercer Mundo* nos anos de 1974 e 1975. Entre os integrantes, destacam-se Moreira, Bissio⁵ e Piacentini⁶, que desempenhavam funções específicas como redatora e diretor, respectivamente. Os demais membros contribuíram de forma mais pontual, refletindo uma diversidade que enriquece o conteúdo da publicação.

No que diz respeito à distribuição e comercialização da revista, o primeiro número, lançado em 1974, foi vendido por 16 pesos. No ano seguinte, houve um aumento significativo, com o preço subindo 150% para 40 pesos. Esse aumento pode ser atribuído não apenas à inflação e às condições econômicas da época, mas também ao reconhecimento crescente da revista e à valorização de seu conteúdo entre os leitores e colecionadores.

A revista *Tercer Mundo* expandiu seu alcance além do mercado argentino, alcançando uma distribuição internacional que incluía países como Peru, Estados Unidos e Equador. A estratégia de ajustar os preços para assinantes estrangeiros conforme a quantidade de números solicitados e cobrar em dólares americanos foi uma maneira de atender à demanda global por informações e análises sobre as questões do Terceiro Mundo.

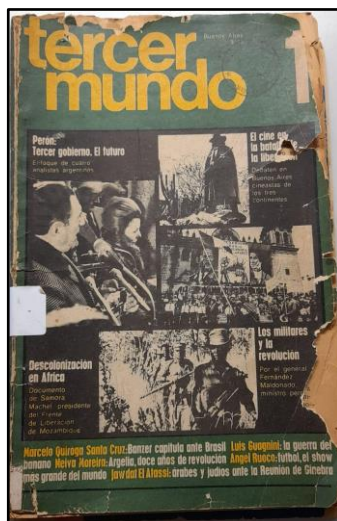
Essa abordagem não apenas ampliou o alcance da revista, permitindo que ela chegasse a um público mais diversificado internacionalmente, mas também demonstrou uma adaptação às condições econômicas e às preferências de pagamento dos leitores fora da Argentina. Isso reflete uma estratégia editorial e comercial consciente para maximizar o impacto e a acessibilidade da revista em um contexto global de interesse por assuntos relacionados ao Terceiro Mundo.

Além das questões editoriais e comerciais, as publicações contavam com uma infraestrutura de suporte, como os serviços da *Inter Press Service (IPS)*, com a direção de Piacentini, buscava democratizar o acesso das informações e contribuir para um desenvolvimento dos países subdesenvolvidos.

⁵ Beatriz Bissio, jornalista Uruguia, naturalizada brasileira, participou junto aos companheiros de luta, Neiva Moreira e Leonel Brizola, do engajamento político latino-americano da década de 70. Participou da edição da revista *Tercer Mundo*, posteriormente relançada como *Cuadernos del Tercer Mundo*.

⁶ O argentino Pablo Piacentini desempenhou um importante papel na participação da estruturação do projeto de Neiva Moreira. Estudou em Roma e participou da criação da Roman Presse Service, 1961 da qual surgiu a *Inter Press Service-IPS- 1964*, agência de política internacional fornecedora de informações sobre o Terceiro Mundo para o Primeiro Mundo.

Figura 2- Capa da revista *Tercer Mundo*, 1974.



Fonte: *Tercer Mundo*, 1974⁷

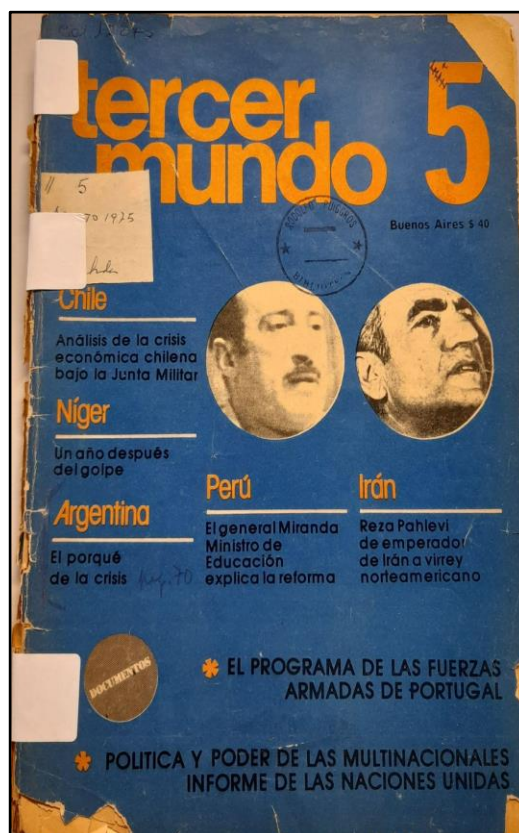
A *Tercer Mundo* frequentemente incorporava fotografias em preto e branco em momentos específicos de suas publicações. Nos números de 1974 e 1975, as capas foram especialmente projetadas com fotografias que estavam estreitamente relacionadas aos temas abordados, com o propósito de atrair a atenção dos leitores. Segundo Cora Gamarnik, em seu trabalho "La fotografía de prensa en Argentina durante la década del 1960: movilización e internacionalización del periodismo gráfico", os anos 60 foram marcados pelo dinamismo na distribuição e consumo de diversas publicações. Argumenta que a utilização de fotografias nos impressos como meio de transmitir visualmente eventos impulsionou o surgimento de redes internacionais na comercialização de imagens.

Deste modo, evidenciou-se junto a imagens, os respectivos títulos: "Perón, Tercer gobierno. El futuro", "El cine en La batalla de Liberación", "Los militares y la revolución", "La descolonización en África". Do ponto de vista visual, as imagens constituem um panorama dos acontecimentos em sua dimensão geopolítica. Além disso, pode-se perceber o cuidado diante da disposição das fotos. Em boa medida, há uma representação do *Terceiro Mundo* como uma realidade de constante mudanças,

⁷ Imagem digitalizada por Carine Dalmás em visita de pesquisa ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires/Argentina. 2022.

mas que não disputam por espaço na capa, uma vez que as imagens são colocadas de uma forma que é possível fazer uma leitura ampla dos fatos operantes no mundo subdesenvolvido.

Figura 3- capa da Tercer Mundo, 1975



Fonte: *Tercer Mundo*, 1975⁸

Já na capa de 1975, a utilização de imagens ocorre de maneira mais pontual, com destaque para as lideranças políticas, respectivamente, General Ramón Miranda Ampuero, à época, ministro da educação do Peru, e Mohammad Reza Pahlavi, imperador do Irã. Semelhante à capa de 1974, ocorre a disposição dos títulos de forma harmônica, trazendo os títulos diretamente atrelados a sua dimensão geográfica. Dessa maneira, a capa apresenta uma temática, que abrange desde o continente africano, ao tratar a realidade da Nigéria pós golpe, até a América Latina, com a Argentina, Peru e Chile.

⁸ Imagem digitalizada por Carine Dalmás em visita de pesquisa ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires/Argentina. 2022.
ão

Nas revistas, a comunicação com o público ocorre de diferentes formas. Portanto, “a ênfase tampouco se dissocia do público que o jornal ou revista pretende atingir” (Luca, 1998). Dessa forma, por tratar-se de um periódico voltado para realidades distintas, a organização das fotografias junto aos títulos dialoga com os leitores da África, Ásia e América Latina.

5 VOZES DO *TERCEIRO MUNDO*: BANDEIRAS SOCIAIS, PROJETOS E DESAFIOS DOS PAÍSES SUBDESENVOLVIDOS NAS PÁGINAS DA REVISTA *TERCER MUNDO*

5.1 O COMPROMISSO COM UMA NOVA ORDEM INFORMÁTIVA: AMÉRICA LATINA, ÁFRICA E ÁSIA NAS PÁGINAS DA *TERCER MUNDO*

A primeira edição, de 1974 da *Terceiro Mundo* contém 129 páginas e 22 artigos que abrangem diversos acontecimentos operantes na África, Ásia e América Latina. Como primeiro número, traz uma apresentação dos objetivos do periódico na arena cultural. Dessa maneira, se apresenta a partir do ímpeto de preencher lacunas informativas sobre os países subdesenvolvidos, buscando reafirmar a participação da América Latina ao mundo subdesenvolvido e explorado, projetando-se como um espaço de contato e sociabilidade entre intelectuais do *Terceiro Mundo*.

Inicialmente, o periódico apresenta uma seção denominada como “informe especial”, dividido em tópicos, todos vinculados à conjuntura argentina⁹, que oferece uma leitura ampla da situação política e econômica do país. Dessa maneira, destaca-se o “Terceiro Governo de Perón”, abordado pelas perspectivas de Pablo Piacentini, que analisa o impacto da morte de Perón; Henrique Alonso, focado na política exterior argentina; Carlos Abalo, cujo tema é a situação econômica; e Juan D. Perón, que enfatiza a necessidade de a Argentina desenvolver um projeto nacional.

É interessante observar que tais informes trazem uma análise dinâmica da conjuntura pré-golpe na Argentina. Em seu texto, Piacentini (1974) analisa o impacto da morte de Juan Domingos Perón, em julho de 1974, destacando sua trajetória política na Argentina.

Perón, ex-coronel do exército, é uma das grandes figuras da política argentina. De acordo com Maringoni (2020), Perón governou o país por três mandatos, o primeiro entre 1946-1955, e o segundo entre 1973-1974, que estiveram marcados pelo enorme apoio da população.

Sua influência na vida política nacional se consolidou por meio de uma presença marcante e, sobretudo, por uma ausência que contribuiu para a

⁹ Todavia, o acesso integral aos textos foi limitado pela condição da documentação, que introduz apenas os argumentos iniciais desenvolvidos por Piacentini.

formação de um personagem mítico. Golpeado, alijado do poder e levado a um exílio compulsório de quase duas décadas, Perón deu origem ao movimento que se tornou uma espécie de eixo definidor da vida pública por mais de sete décadas e gerou a esperança da afirmação de um país soberano, que se pautava pela justiça social e por oportunidades para todos (Marigoni, 2020, p.474)

Conforme elucidado pelo autor, os governos de Perón foram marcados pelo contexto de instabilidade democrática vigente na América Latina no século XX e pela experiência de exílio que o consagrou como um dos representantes do populismo latino-americano. Outro sim, originou uma corrente política que ganhou forte adesão entre os argentinos ao considerar as demandas de um setor historicamente esquecido: os operários (Nadia, 2020)

Em 1945, pressionado por setores militares, Perón exilou-se em alguns países da América Latina e na Espanha. Ao analisar o exílio, Piacentini (1974), aponta como um fenômeno e de superação das tentativas “desperonización” por militares, intentos falhos que, no terceiro governo, revelou a força de Perón como figura de influência entre os argentinos: “O exilado negado pela crônica oficial, tinha em suas mãos o único poder legítimo e eficiente: a adesão da maioria dos argentinos” (*Tercer Mundo*, 1974, p. 2, tradução nossa).

Cárdenas (2020) coaduna diretamente com os apontamentos de Piacentini (1974), sobre a verificação de uma corrente política antiperonista. Todavia, assinala que no âmbito político argentino, a corrente política peronista se legitimava como representante dos interesses nacionalistas e populares, possuindo forte adesão entre os trabalhadores, motivados pelos objetivos de Justiça Social.

Após o informe especial, a revista apresenta na sequência, uma reportagem que trata do Segundo Encontro de Cineastas, realizado em 1974, na Argentina. Segundo Rodrigues (2018), O movimento do *Cinema do Terceiro Mundo* surgiu como uma resposta anti-hegemônica que visava construir, a partir da Ásia, África e América Latina, representações e estéticas cinematográficas voltadas ao combate do discurso hegemônico.

Na reportagem, Beatriz Bissio, contextualiza o encontro como fruto da cooperação do *Terceiro Mundo* diante do movimento de combate a colonização, seja ela em qualquer esfera da sociedade, compreende-o como uma oportunidade de contato na busca por soluções de problemáticas para a realidade dos povos terceiro-

mundistas. Ao adentrar nos principais temas discutidos na reunião, destaca o papel exercido pela cenografia na descolonização cultural, os partícipes do evento e nas questões debatidas. Chama atenção para a relação entre os filmes produzidos por cineastas terceiro-mundistas e a atuação militante destes diretores, uma vez que existiu no debate, a compreensão de que um filme progressista, voltado para o *Terceiro Mundo*, deve vir acompanhado de ações militantes de seus produtores. Além disso, aponta os conteúdos levantados no debate sobre o cinema:

Nas sessões foi apreciado um problema e experiências comuns a todos os cineastas presentes, que poderíamos agrupar em torno dos seguintes itens: a tecnologia a ser utilizada no cinema do Terceiro Mundo, sua temática e linguagem, a infraestrutura adequada para a realidade de nossos países e a habitual falta de recursos para a realização dos projetos. É evidente que a análise de qualquer uma dessas questões não pode ser dissociada dos objetivos do cinema terceiro-mundista, explicitamente definido neste II Encontro como "contribuição para a descolonização cultural dos povos", além de ser um instrumento a ser usado predominantemente na criação dos valores da nova sociedade (*Terceiro Mundo*, 1974, p. 28, tradução nossa).

Nota-se que Bisso, ao sintetizar o objetivo do cinema terceiro-mundista, define o encontro no seio de um esforço de desconstrução das amarras da colonização, mas também revela as potencialidades do cinema na criação de novos valores para a sociedade.

Como pode ser observado, a jornalista destaca as bandeiras e problemáticas discutidas. A partir disso, revela algumas questões fundamentais para o entendimento do *Terceiro Mundo*, como as interseções e diferenças entre os países e a impossibilidade de criar soluções universais, dado que cada um possui sua própria linguagem cultural. Conforme ressalta, essa avaliação não impede, por exemplo, o fomento de debates sobre o papel do Estado no financiamento das produções, a recepção do público e o reconhecimento das limitações financeiras das populações mais pobres, fatores que, supostamente, restringem o acesso à cultura.

Ainda sobre os acontecimentos na América Latina, na página 70, o periódico apresenta um artigo intitulado como "Documento: Plan Inca". Em uma nota, discorre que em 1968, o general Juan Velasco Alvarado, revelou um plano elaborado por militares do Peru, o que desencadeou um processo revolucionário em outubro do mesmo ano.

Em *Ditadura Militar e Reformismo no Perú*, Vasconcelos (2015) discorre que, no contexto de publicação do Plano Inca, o país estava vivenciando um período de reforma militar caracterizado pelo nacionalismo e progressismo. Argumento que em

1960, o grupo de militares que assumiu o país, herdou ideias do Centro de Estudos Altos Militares CEAM), que se voltavam para o entendimento de temas como o subdesenvolvimento, atraso econômico e dependência. Os oficiais reconheceram, portanto, a necessidade de empreender reformas sociais, econômicas e militares capazes de atender a demanda da população e suplantando a emergência de novos grupos guerrilheiros.

No bojo dessas propostas, o Plano Inca é criado por um grupo de coronéis a serviço da inteligência do exército, como um plano conspiratório que visava ampliar o poder político das Forças Armadas. Mas com a rápida deterioração do governo de Fernando Belaúnde, na época apoiado pelos militares, criou-se um projeto voltado para reiterar a necessidade da força militar na implementação de distintas reformas, como a agrária, bancária e estatal (Vasconcelos, 2015).

No contexto da publicação do documento, o governo militar buscava fortalecer o controle estatal sobre os recursos naturais e reduzir a influência estrangeiras, principalmente na questão do petróleo. Conforme apresentado na *Tercer Mundo* (1974), o Plano Inca se propõe a realizar uma transformação social com ênfase na independência, nacionalismo e humanismo. Sobre a situação do petróleo, o documento constata que a dominação de estrangeiros nos setores petrolíferos e as empresas estatais do Peru eram infelizes, pelo baixo apoio. Feita a análise, projeta metas para mudar a situação. No primeiro momento, destaca a necessidade de estatizar todas as fases de exploração do petróleo, processo que deveria ser acompanhado da expropriação de empresas estrangeiras.

No contexto das reformas governamentais prevalecentes no Perú, na página 70, o periódico apresenta uma discussão sobre a democratização da Imprensa sob a liderança do governo revolucionário. Nesse cenário, uma série de jornais controlados pela elite foram transferidos para o controle de setores sociais mais amplos. Os jornais foram entregues à comunidade camponesa, organizações educacionais e cooperativas de serviços. Personalidades políticas foram nomeados para direções dos jornais. O movimento de democratização da imprensa foi percebido de maneira positiva na América Latina, encontrando maior resistência na imprensa internacional (*Tercer Mundo*, 1974)

No âmbito de profundas transformações, a revista analisa eventos significativos no continente africano, marcado por lutas e processos de independência. Além de examinar as questões sociais dos indivíduos envolvidos nesses processos de

libertação, o periódico discute os desafios enfrentados pelas nações recém-libertadas, que sofreram com anos de exploração. Assim sendo, embora não haja uma seção específica dedicada aos continentes, há um padrão nas reportagens sobre os processos africanos que, apesar de reconhecer entraves internos enfrentados por esses países, destacam aspectos positivos, dando ênfase para as tentativas de superação do subdesenvolvimento

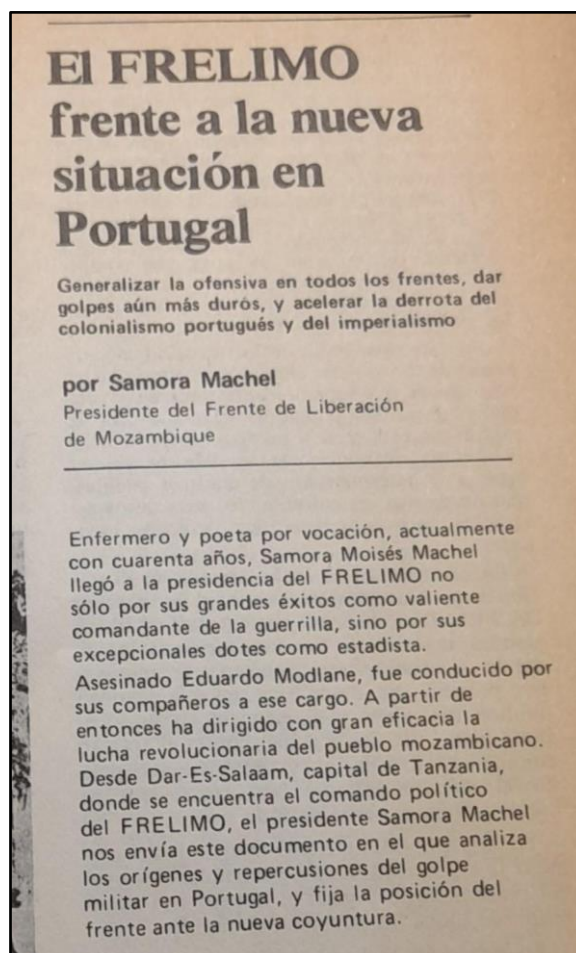
Como interlocutor de tais fatos, Samora Machel, então presidente da Frente de Libertação de Moçambique¹⁰ (FRELIMO), apresenta as origens e repercussões da organização, apresentando a posição da FRELIMO frente a situação de Portugal, organização que desempenhou um papel crucial na luta pela independência de Moçambique. Sob a liderança de Samora Machel, configurou-se um movimento político e militar que mobilizou a população em uma árdua guerra de guerrilha prolongada, conseguindo, após um longo processo, libertar Moçambique do colonialismo português (Duarte e Figueiro, 2020).

Conforme pode ser verificado na figura 4, a *Tercer Mundo*, faz uma breve introdução sobre a atuação de Machel e sua posição como presidente da FRELIMO. Emprega adjetivos, destacando a vocação do referido líder como estadista e líder revolucionário.

Os objetivos da FRELIMO são sistematizados em: generalizar a ofensiva em todas as frentes, desferir golpes ainda mais duros e acelerar a derrota do colonialismo e do imperialismo português (*Tercer Mundo*, 1974, p.36, tradução nossa).

Figura 4- Reportagem de Samora Machel no periódico *Tercer Mundo*

¹⁰ A FRELIMO (Frente de Libertação Nacional Moçambicana), desempenhou um papel crucial na luta pela independência de Moçambique. Sob a liderança de Samora Machel, configurou-se como um movimento político e militar que mobilizou a população em uma árdua guerra de guerrilha prolongada, conseguindo, após um longo processo, libertar Moçambique do colonialismo português (Duarte e Figueiro, 2020).



Fonte: *Tercer Mundo*, 1974

Notadamente, mediante a efervescência do continente africano e as guerras por libertação, o periódico apresenta aos leitores uma perspectiva interna dos objetivos da FRELIMO e, principalmente, constrói uma visão positiva da ação revolucionária. Corroborando com as perspectivas da NOII, de apresentar os processos revolucionários partindo de suas bandeiras sociais, o periódico foge de representações maniqueístas.

Já na reportagem de Fode Amadu (1974), o periódico apresenta os caminhos progressistas de Serra Leoa, país pequeno, localizado na África Ocidental, entre Guiné e Libéria no trajeto rumo ao desenvolvimento que, para o autor, possui a figura de Siaka Stevens, símbolo do trabalhismo, como representante do progressismo. Sem embargo, os rumos encontravam-se permeados de entraves. Em suma, os fatos relatados exprimem a continuidade das mazelas do subdesenvolvimento no continente africano, mas também traz ao leitor, os projetos da sociedade e os

progressos rumo à urbanização, industrialização, investimento educacionais e intentos para manter a autodeterminação.

Em outra reportagem, Aquino de Bragança (1974), traz uma análise da posição da África do Sul na geopolítica do Pentágono, tornando evidente a incidência da Guerra Fria no continente africano. Em seu texto, examina a influência da Europa Ocidental e dos Estados Unidos no continente africano, pautadas nos interesses econômicos e na exploração do petróleo.

Antes de adentrar, especificamente na posição do país face às potências colonialistas e as formas de manutenção de estruturas violentas, oriundas do colonialismo, destaca a posição econômica da região no espectro mundial, com destaque para a “rota do cabo”, via marítima de grande valor para economia europeia. Como afere: “20% do petróleo transportado no mundo, uma parte muito importante dos ‘brutos’ destinados à Europa Ocidental, desde quase sete anos, passa pela “Rota do Cabo” (*Tercer Mundo* 1974, p.48, tradução nossa). Componentes que delimitavam uma eventual influência externa como garantia dos objetivos ocidentais. Destarte, “se o mundo Ocidental considera a Rota do Cabo crucial, uma ameaça está pesando sobre ela” (*Tercer Mundo*, 1974, p.48, tradução nossa). Nesse sentido, a constatação do potencial econômico vem acompanhado da necessidade de desenvolvimento de políticas nacionais voltadas para assegurar a soberania africana e sua autodeterminação na exploração de seus recursos.

Após o acompanhamento da Conferência dos Países Não-Alinhados, Neiva Moreira viaja à Argélia, onde recolhe materiais e constrói uma análise dos progressos do país após o processo de libertação (*Tercer Mundo*, 1974, p.39). Doze anos depois da guerra, publica em 1974, uma reportagem que expõe observações dos caminhos revolucionários percorridos pelo país, recém libertado do colonialismo.

A Argélia, país localizado na África do Norte, sofreu um longo período de dominação que culminou na eclosão de um processo de libertação sangrento (1830-1962). Anteriormente à invasão Francesa, em 1830, o território integrava o Antigo Império Otomano, tendo destaque na prática de pirataria. Entretanto, no decorrer da colonização, foi transformado pela metrópole em uma colônia de povoamento baseada na ideia de uma Argélia francesa. Nesse ínterim, visando garantir o controle sob a população nativa, o governo francês implementou uma política de expropriação de terras, exclusão dos locais nas decisões políticas e garantiu constantes privilégios para colonos brancos. (Sampaio, 2019).

Como discorre Fábio Cruz (2016), apesar de projetos de inserção da cultura europeia, existia no seio da sociedade a força do islamismo e da cultura árabe, ponto crucial para formação de partidos nacionalistas, como a União Democrática do Manifesto Argelino (UDMA), Movimento de Triunfo das Liberdades Democráticas (MTLD) e o Comitê Revolucionário de Unidade e Ação (CRUA), polos de articulação de forças locais contra a dominação francesa.

Quanto ao processo de descolonização, nota-se que se caracterizou como um evento violento e de forte repressão metropolitana.

Ocorreram atentados e ataques armados em diversas regiões do território argelino. Os participantes dos levantes armados compunham uma unidade chamada Exército de Libertação Nacional. Esta organização era composta principalmente por camponeses e ganhou adeptos das populações urbanas frente ao recrudescimento da repressão francesa, que era aproximadamente 500 mil soldados em 1960. (Cruz, 2016, p.53)

Como exposto, a libertação da Argélia configurou-se como fato histórico de profunda transformação, resultando na expulsão de colonos franceses das propriedades, na tomada da autodeterminação, e uma reestruturação política que, ao fim e ao cabo, enfrentava dificuldades oriundas do longo período de exploração.

É justamente na conjuntura de reestruturação da sociedade Argelina que, em 1974, Neiva Moreira se insere como representante do editorial *Tercer Mundo*. Em sua reportagem, explorou vários aspectos fundamentais para a construção de uma nova ordem social no país. Investigou o projeto econômico em curso, examinando suas metas e impactos na sociedade após a colonização. Além disso, analisou o papel das mulheres, destacando as mudanças e desafios enfrentados neste período de transformação.

Figura 5- página da reportagem de Neiva Moreira na *Tercer Mundo*



Fonte: *Tercer Mundo*, 1974¹¹

O jornalista abordou também o fenômeno do êxodo populacional, especialmente em direção à França, e suas implicações para a sociedade argelina. O desenvolvimento do sistema educacional foi outro ponto central de sua análise, destacando os avanços e desafios nessa área crucial para o progresso nacional, contextualizou ainda, o posicionamento internacional da Argélia, discutindo suas políticas externas e aspirações geopolíticas. Refletindo a busca do país uma identidade independente. Visto isso, a fase pós-libertação é percebida como dinâmica e criativa, orientada para um futuro autônomo.

No que tange às reportagens sobre países Asiáticos, toma-se para análise a reportagem do sírio Jawdat El Atassi (1974), Coronel e embaixador na Síria na Argentina, traz uma análise crítica sobre o conflito entre árabes e judeus, especialmente em relação ao sionismo e a criação do Estado de Israel. O jornalista argumenta que o movimento sionista com apoio da comunidade internacional, utilizou-se da força material, que inclui o uso do poder militar e recursos financeiros, exemplificados pela compra de terras em comunidades árabes, com a tentativa de transformá-las, a força moral, vinculada também aos pressupostos religiosos e

¹¹ Imagem digitalizada por Carine Dalmás em visita de pesquisa ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires/Argentina. 2022.

ideológicos e a força temporal, que seria consolidar o estado de Israel pela ocupação dessas terras e garantir a dispersão dos palestinos.

A respeito do desenvolvimento histórico deste conflito, nota-se que os impasses no território transcendem questões políticas, uma vez que as disputas pelo território estão influenciadas por motivações religiosas. Em vista disso, em 1947, o governo britânico reconheceu o desafio de intermediar as negociações. A ONU então, propôs que a Palestina seria dividida em dois territórios, 56% seriam entregues aos judeus. Tal proposta não foi aceita pelos povos árabes, resultando na perpetuação dos embates e na intensificação da violência pelos dois lados (Silva e Phillipi, 2017).

Um aspecto interessante apresentado por Atassi (1974) é a resistência árabe na região. Sugere que Israel teria subestimado a ação dos palestinos, o que tornava impossível a paz na região.

Outro aspecto discutido sobre o continente asiático é os efeitos da Guerra Fria na região. Na reportagem de Vessa Burchett (1974), na qual entrevista Jane Fonda, atriz e ativista que esteve em visita ao Vietnã para colher imagens que resultaram em um filme. Durante a viagem, Fonda visitou várias áreas, testemunhando condições enfrentadas pelos sul-vietnamitas, contrastando com o Norte, que tinha uma estrutura mais estabelecido. Aborda os esforços de reconstrução do país defronte aos destroços da guerra, a presença da guerra no cotidiano e na memória da população. Outrossim, “Diria, afirma Jane Fonda, que as coisas essenciais da zona liberada do Vietnã do Sul, são as escolas onde todo o mundo estuda e as livrarias onde se pode descobrir um universo fascinante de livros” (*Tercer Mundo*, 1974, p.48, tradução nossa).

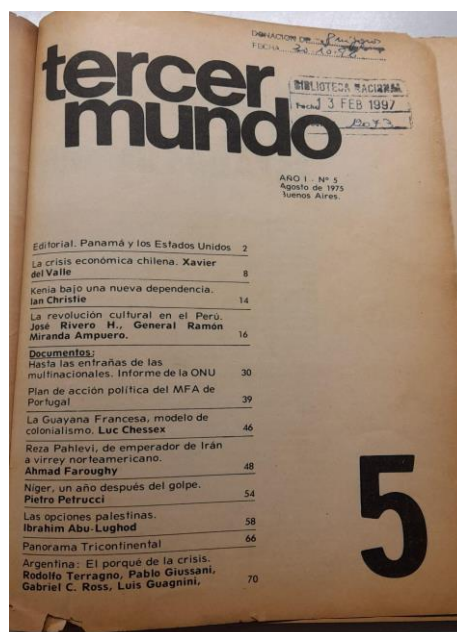
A entrevista, além de revelar a complexidade do Vietnã no contexto da guerra fria e seus impactos contínuos no cotidiano da população, elucida os caminhos traçados e as tentativas de construir um futuro melhor.

De modo geral, o número de 1974 configura-se pela diversidade de temas e capacidade de dar conta das principais questões geopolíticas que afetam o sul global, abrangendo desde as temáticas nucleares na Tailândia, a revolução Peruana, a independência de Guiné Bissau.

5.2 A REVISTA *TERCER MUNDO* EM 1975: AMÉRICA LATINA, ÁFRICA E ÁSIA

Em agosto de 1975, o periódico publica o Nº 5, em Buenos Aires. Um temário menos abrangente, se comparado ao de 1974, mas que revela também, a atividade do editorial face ao objetivo de trabalhar com os acontecimentos do Terceiro Mundo. Quanto à situação da documentação, verifica-se que não foi possível acessar algumas reportagens de forma integral, sendo possível em alguns casos, realizar apenas a leitura das primeiras páginas. Ao todo, tivemos o acesso a 42 páginas, de um total de aproximadamente 69.

Figura 6- Temário da *Tercer Mundo*



tercer mundo	
Editorial. Panamá y los Estados Unidos	2
La crisis económica chilena. Xavier del Valle	8
Kenia bajo una nueva dependencia. Ian Christie	14
La revolución cultural en el Perú. José Rivero H., General Ramón Miranda Ampuero.	16
Documentos:	
Hasta las entrañas de las multinacionales. Informe de la ONU	30
Plan de acción política del MFA de Portugal	39
La Guayana Francesa, modelo de colonialismo. Luc Chessex	46
Reza Pahlevi, de emperador de Irán a virrey norteamericano. Ahmad Farouhy	48
Niger, un año después del golpe. Pietro Petrucci	54
Las opciones palestinas. Ibrahim Abu Lughod	58
Panorama Tricontinental	66
Argentina: El porqué de la crisis. Rodolfo Terragno, Pablo Giussani, Gabriel C. Ross, Luis Guagnini.	70

Fonte: *Tercer Mundo*, 1975¹²

Com base na figura 5, depreende-se os temas abordados no periódico. Notadamente, a crise política chilena, a revolução cultural no Peru, a situação do Kenya, a Guiana Francesa e o modelo de colonialismo, a Nigéria depois do golpe, as opções palestinas, o panorama Tricontinental, a Argentina e explicações acerca da

¹² Imagem digitalizada por Carine Dalmás em visita de pesquisa ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires/Argentina. 2022.

crise. Pública ainda documentos como o plano de ação política do Movimento das Forças Armadas (MFA) de Portugal, aprovado em 20 de junho de 1975.

Por não ser o primeiro número da revista, possui uma estrutura menos complexa. Em seu editorial, apresenta um texto intitulado “Panamá e os Estados Unidos”. É importante frisar que o editorial, como um gênero de jornalismo com forte caráter discursivo, articula um discurso que normalmente reflete a opinião de seus colaboradores diante de um tema polêmico, sendo uma tomada de posição. Exponente que atesta seu forte caráter coletivo.

O editorial de 1975, intitulado o Panamá e os Estados Unidos, apresenta uma análise das complexas mudanças na política externa dos Estados Unidos, destacando a tensão entre diferentes facções dentro do establishment americano. A priori, reconhece a formação de uma Nova Realidade Global. Sugere que o governo dos EUA reconheceu a necessidade de adaptação a um novo panorama, sendo necessário formular uma estratégia. A experiência no Sudeste Asiático, incluindo a Guerra do Vietnã, é citada como um ponto de inflexão. A perda do prestígio e os custos associados levaram a uma reavaliação das táticas intervencionistas diretas. Constatação que levaria a uma nova prática de renovação da imagem liberal.

Argumenta que, historicamente, os Estados Unidos têm mantido uma posição hegemônica sobre o Canal do Panamá desde 1903, quando impuseram um tratado abusivo através do francês Philippe Buneau-Varilla, criando um enclave colonial e retirando a soberania do Panamá. Apesar disso, a reivindicação panamenha de soberania sobre o canal teria sido constante e reforçada pela chegada do General Omar Torrijos ao governo, que intensificou a pressão para o reconhecimento dos direitos do Panamá. A *Tercer Mundo* também observou que, embora os EUA tenham reconhecido a legitimidade das reivindicações panamenhas nos fóruns internacionais, não houve mudanças substanciais no status do canal. Ele menciona a importância geoestratégica da América Latina para os EUA, especialmente após reveses na Ásia, e destaca a solidariedade latino-americana e o apoio global ao Panamá expressos na reunião do Conselho de Segurança das Nações Unidas.

Após o editorial, a revista apresenta a reportagem de Xavier Del Valle, que toma como objeto de reflexão a crise chilena. O golpe chileno de 1974 que derrubou o governo de Salvador Allende, iniciou em 1973, mas foi o reflexo das movimentações na sociedade chilena ao longo da década de 60. Como parte de um projeto da Junta Militar que contou com um vasto apoio estadunidense, os militares iniciaram tentativas

de despolitizar setores populares caracterizados como marxistas, a fim de garantir os interesses da elite cívica (Simões, 2012).

O início do golpe que derrubou Salvador Allende, esteve marcado pela transmissão em rádios que o acusavam de causar uma crise social, moral e econômica no país. Após o ataque moral ao governo, a ação militar foi levada a cabo com o cerno no Palácio Moneda. Por conseguinte, foi arregimentado formalmente uma Junta Militar que tinha como presidente Augusto Pinochet. (Simões, 2012).

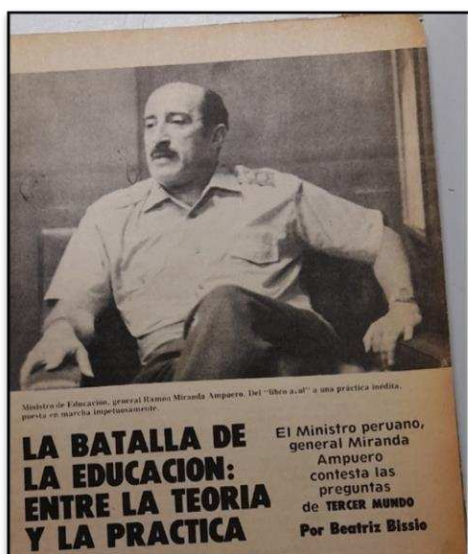
Nessa perspectiva, como observa Resende (2020), após o golpe que derrubou o governo de Allende, os militares buscaram construir medidas econômicas para reverter a orientação socialista do governo anterior, pensando nos problemas do país à luz de pressupostos norte-americanos.

Dessa maneira, Xavier (1975), em sua análise, relaciona a incapacidade dos militares que derrubaram Salvador Allende, como fator decisivo para a conjuntura de intensa crise econômica. Para justificar as causas dessa crise, inclui uma deterioração geral do sistema de acumulação chileno, refletindo em baixo desenvolvimento e incapacidade de criar bem-estar para a população. A tentativa de reconstruir o sistema de produção anterior sem interferência estatal após o fim violento da experiência da Unidade Popular é identificada como a causa recente da crise. Os militares, ao removerem as barreiras que limitavam o capitalismo monopolista, teriam aprofundado a crise econômica do país. Uma situação que levou ao fim violento de forças populares ligadas ao governo (*Tercer Mundo*, 1975)

Na reportagem intitulada “Revolución Cultural en el Perú”, o periódico explora a importância da Reforma Educacional peruana como um componente crucial dos esforços revolucionários do país. O texto apresenta um panorama abrangente da reforma educacional, em diálogo com Ramón Miranda Ampuero, Ministro da Educação, que destaca as características principais da nova abordagem educacional, que é descrita como democrática, igualitária e humanista. Essa reforma visava superar o subdesenvolvimento e promover a construção de uma nova sociedade, alinhando a educação com os ideais de progresso e justiça social. É interessante observar que a reportagem de 1975 representa a continuidade das análises sobre o processo revolucionário que ganhou seus contornos através das políticas orientadas pelo Plano Inca, publicado em 1974 na Revista *Tercer Mundo*. Este plano diagnosticou as problemáticas da sociedade.

Em entrevista a Beatriz Bissio, o ministro Miranda Ampuero revela alguns pontos sobre os desafios e os objetivos das reformas educacionais no Perú. Na primeira pergunta, Bisso questiona o entrevistado sobre seu interesse no sistema educativo. O entrevistado, por sua vez, ressaltava sua experiência no Comitê Consultivo Presidencial (COAP). Sua entrevista destaca que a diferença entre teoria e prática na implementação de políticas educacionais, posto que enquanto os planos e reformas podem ser elaborados, sua execução enfrenta desafios estruturais, resistência a mudanças e da adaptação da realidade. Enfatiza que as reformas formuladas necessitavam do apoio contínuo das partes envolvidas.

Figura 7: fotografia do Ministro da Educação do Peru, General Ramón Ampuero



Fonte: *Tercer Mundo*, 1975

Ao longo da entrevista, um dos tópicos importantes levantados é o papel dos educadores na reforma educacional. Ampuero (1974), por sua vez, destaca a importância dos educadores na formação e uma realidade social em formação. Diante disso, o conservadorismo docente e a resistência a mudanças é visto como um desafio, pois os objetivos reformistas não propunha mudanças no quadro de colaboradores, sendo necessário integrá-los no projeto do governo.

Ainda sobre os acontecimentos da América Latina, na página 77, o argentino Gabriel C. Ross publica uma reportagem eminentemente crítica, que traz em seu título a acidez presente ao longo do texto. Em "A clase obrera contra Satanás", Ross (1975), examina os desdobramentos da Morte de Perón, em 1 de julho de 1974. Personifica

o mal em López Rega, apelidando-o de “satanás doméstico”. Uma figura que representaria não só a corrupção e a opressão, mas também a subordinação da política nacional a interesses estrangeiros.

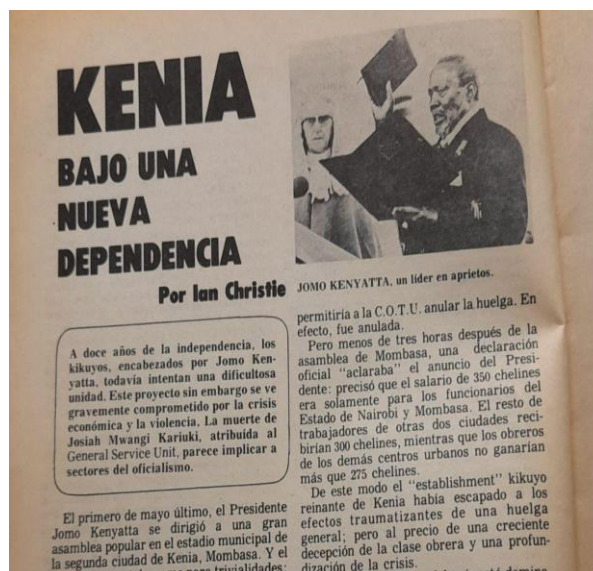
No contexto argentino, Isabel Perón e López Rega pertenciam ao ciclo pessoal de Perón. Isabel, foi a primeira mulher a assumir a presidência da Argentina, em um contexto de instabilidade política após a morte de Juan Perón. Conhecendo-o no exílio, esteve ao lado do ex-presidente em um momento de perseguições políticas e atentados. No que se refere-se à situação da Argentina, atuou como porta-voz e articuladora, cooperando de forma significativa para evitar a ascensão do movimento partidário do peronismo sem Perón, encabeçado pelo Augusto “El lobo”. Já López Rega, era descrito por setores da esquerda peronista como um manipulador que controlava a presidência e usava de sua proximidade com Perón para favorecer a direita peronista, distanciando Perón de setores mais radicais. Percepção intensificava após a ascensão de Isabel ao poder e sua constante presença. Dessa forma, o setor da esquerda peronista intensificava suas críticas (Nádia, 2020).

Em seu texto, Ross (1975) critica fortemente as políticas econômicas do governo de Isabel, que favoreciam as multinacionais em detrimento dos trabalhadores argentinos. A anulação dos aumentos salariais acordados com os sindicatos exemplifica a traição do governo às suas promessas eleitorais e sua origem popular. Destaca como essas políticas desmascaram a verdadeira orientação do governo, que prioriza os interesses das corporações sobre os direitos e o bem-estar da classe trabalhadora.

No que tange à reação popular da classe trabalhadora, a análise de Ross mostra a divisão na reação popular: enquanto a classe média protestava verbalmente, a classe trabalhadora agiu com maior energia e determinação, organizando greves e protestos. Este contraste sublinha a importância da ação direta e da resistência organizada dos trabalhadores frente à opressão governamental.

A preocupação com a situação dos países africanos após processos de independência, esteve como objeto da *Tercer Mundo* tanto em 1974 e 1975. Se por um lado, na reportagem de Moreira publicado em 1974, sobre os caminhos percorridos pela Argélia rumo a projetos de desenvolvimento social demonstrou uma ótica positiva. Por outro lado, por meio de Ian Christie (1975), em sua análise sobre o Kênia, pode-se identificar os desafios enfrentados por nações africanas após os processos de independência.

Figura 8- Reportagem de Ian Christie



Fonte: *Tercer Mundo*, 1975¹³.

À vista disso, Christie (1975) salienta a conjuntura de crise política e econômica que impediria a construção de uma unidade política frente a um possível projeto nacional. Como eixo inicial do texto, exprime os entraves na relação do presidente Jomo Kenyatta com as classes de trabalhadores. Como afirma, a Organização Central dos Sindicatos (COTU) havia agendado uma greve geral, com a finalidade de pressionar o governo na garantia de direitos para os trabalhadores. Nessa perspectiva, demonstra a grande insatisfação dos trabalhadores, que não teriam aplaudido as palavras do presidente: “a multidão não agiu com entusiasmo”. Como justificativa para tal circunstância, aponta a criação de uma sociedade voltada para o interesse dos mais ricos (*Tercer Mundo*, 1975, p. 14).

Já Pierre Petrucci (2015), publica uma análise sobre a situação da Nigéria um ano depois do golpe que depôs o presidente Diori Hamani. Seyni Koutché, principal líder do golpe, detalha os desafios enfrentados e as estratégias adotadas pela nova administração. A priori, contextualiza a situação sociopolítica do país, sugerindo que a implementação do golpe foi fruto de uma crescente tensão entre o antigo presidente Dori e o exército, que fazia declarações depreciativas sobre o papel do exército.

¹³ Imagem digitalizada por Carine Dalmás em visita de pesquisa ao acervo da Hemeroteca da Biblioteca Nacional Mariano Moreno, em Buenos Aires/Argentina. 2022.

Outro expoente explorado é o pacto de defesa com a Líbia e China, demonstrando as movimentações e cooperações políticas com os países do Terceiro Mundo.

Sobre os desafios do Novo Regime, discorre sobre a seca contínua que assolava a população exacerbava as dificuldades econômicas e sociais, pressionando o novo governo a adotar medidas assistencialistas para ajudar a população. Diante disso, o exército nigeriano reconheceu a necessidade de uma nova abordagem para lidar com a crise, priorizando no projeto de governo os interesses dos camponeses:

“Queremos libertar o nosso povo de certos flagelos como a subnutrição, a doença e o analfabetismo, porque estamos conscientes de que nenhum projeto de desenvolvimento pode prescindir da promoção da fome” (Tercer Mundo, 1975, p.58, tradução nossa).

Nesse sentido, a reforma agrária é vista como um caminho para a superação do subdesenvolvimento e como meio para concretizar a libertação de um povo. Assim, o governo estava buscando uma identidade, reconhecendo a necessidade de alinhar seus objetivos com temas de solidariedade e justiça.

No que tange aos acontecimentos do continente asiático, a revista retoma as discussões sobre a situação dos palestinos sob o olhar de Ibrahim Abu-Lughod, na qual analisa as opções palestinas. O acesso integral a reportagem não foi possível em decorrência da condição da documentação, sendo possível acessar apenas a página inicial.

Em seu texto, o autor demonstra o panorama sobre as discussões do conflito entre Israel e os povos árabes, salientando vertentes interpretativa de especialistas “árabes” que explicavam o conflito a partir da preposição de uma histórica “submissão árabe” ao colonialismo europeu e sua dificuldade de reconhecer as demandas israelense.

Após explanar as interpretações sobre o conflito, Abu-Lughod (1975), questiona essas considerações:

“[...] houve muitas ocasiões em que um ou mais governos árabes expressam a sua vontade de reconhecer o direito de Israel existir; durante mais de suas décadas o desenvolvimento das sociedades árabes foi influenciado, diferenciado e retardado pelo seu conhecimento das aspirações de Israel e da sua capacidade para as concretizar (p.58)

No trecho anterior, além de questionar linhas interpretativas que categorizam as populações árabes como submissas, deixando evidente o reconhecimento da existência de Israel, demonstrando que tal aferição influenciava as dinâmicas políticas e sociais destes países. Ou seja, aponta que o embate estava centrado no reconhecimento da legitimidade da ocupação israelense, em detrimento do fato palestino.

O periódico, como citado anteriormente, foi um meio de comunicação centrado na democratização de acesso a informações dos países subdesenvolvidos. Em consonância com o desígnio, em 1975, publica documentos importantes, socializando o acesso. Por exemplo, publica o Plano de Ação Política do Movimento de Forças Armadas (MFA) de Portugal, aprovado em 20 de junho de 1975, pelo Conselho da Revolução Portuguesa (CRP).

Diante disso, a *Terceiro Mundo* reafirma seu compromisso com uma nova abordagem dos acontecimentos ao trazer para o debate público projetos políticos e lutas revolucionários do *Terceiro Mundo* a luz de seus participantes, sem enveredar por leituras imediatistas e maniqueístas dos acontecimentos. Na página da revista, as lutas por libertação são pensadas como passo para a construção de uma nova realidade. Ademais, as reformas sociais empreendidas na América Latina contornadas por projetos políticos de distintos governos, fazem parte um contexto oriundo do movimento terceiro-mundista na luta pela justiça social e superação do subdesenvolvimento, tema recorrente em grande parte das reportagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, exploramos a circulação de ideias terceiro-mundistas a partir da América Latina, com objetivo central de elucidar e estruturação de redes intelectuais latino-americanos no contexto do exílio decorrentes da instauração das ditaduras civis-militares no continente. Desta forma, por meio do levantamento bibliográfico e da análise da revista *Tercer Mundo*, foi possível apreender o engajamento político de intelectuais vinculado à imprensa no movimento terceiro-mundista, sobretudo no que tange aos esforços de construção de novas redes informativas.

Os editoriais analisados atestam um forte caráter anti-hegemônico, concepção diretamente influenciada pelo movimento terceiro-mundista que ratificou a necessidade de cooperação cultural entre países subdesenvolvidos. Em vista disso, partindo das argumentações de Prashad (2022), a atuação do referido periódico pode ser compreendida no seio de um projeto político cultural, que ensejou novas perspectivas rumo ao desenvolvimento.

Com base nos dados biográficos acerca dos colaboradores do periódico, nota-se que estes estiveram unidos na década de setenta, pela condição de exílio e constante circulação no mundo. No caso da América Latina, os agentes enfrentaram constantes adversidades, dado que no contexto de consecutivas ditaduras, a perseguição aos intelectuais produziu um contingente expressivo de sujeitos em degredo, cujo distanciamento da nação, não significou a inatividade política. A sistemática condição de movimento significou também, a circulação de suas ideias entre os lugares que residiam, na medida que os intelectuais, como interventores culturais, estiveram inseridos em redes de sociabilidades fincadas na resistência defronte ao autoritarismo vigente na época.

Entre os fatos levados a cabo no periódico, nota-se que estes estiveram estreitamente vinculados à experiência individual de cada colaborador e às bandeiras do Terceiro Mundo. Destarte, a luta contra o colonialismo, abordada, por exemplo, por Samora Machel, denota a legitimidade da autodeterminação dos povos e os caminhos na luta por libertação. Ademais, a revista buscou perspectivar, também, os caminhos traçados pelas novas nações e os resquícios da colonização enfrentados no cotidiano dos sujeitos. A respeito disso, demonstra as dificuldades de construir um governo estável, centrado em problemáticas internas e livre das influências das antigas potências coloniais.

À medida que o movimento intelectual terceiro-mundista se solidificou, uma nova consciência histórica emergia, destacando as interligações e opressões derivadas do imperialismo e colonialismo. Essa consciência revelou a existência de relações assimétricas entre nações consideradas naturalmente desenvolvidas e aquelas sujeitas à dominação. Nesse sentido, o periódico fundado na Argentina, em 1974, surgiu concomitantemente ao

entendimento de que, simbolicamente, o poder estava intrinsecamente presente em todas as esferas da sociedade, inclusive na circulação de informações globais. O poder de representar e atribuir significados aos eventos em um contexto de Guerra Fria e Não Alinhamento.

Ademais, a trajetória de José Guimarães Neiva Moreira e Beatriz Bissio exemplifica de forma marcante o papel dos intelectuais e ativistas latino-americanos durante um período tumultuado da história da região. Ambos enfrentaram as consequências diretas das ditaduras militares que assolaram o continente, sendo obrigados a buscar exílio em diversos países da América Latina.

O engajamento de Neiva Moreira e Bissio na criação e manutenção da revista *Tercer Mundo* não apenas evidencia sua resistência política contrarregimes autoritários, mas também sua contribuição para o fortalecimento de uma Nova Ordem Informativa Internacional (NOII). Essa iniciativa não só preencheu lacunas na cobertura jornalística dos países do Terceiro Mundo, mas também proporcionou um espaço crucial para o debate intelectual e a solidariedade transnacional entre exilados e militantes políticos.

Além disso, o exílio não foi apenas um estado de deslocamento físico, mas também um catalisador para a construção de redes de solidariedade e cooperação que transcendem fronteiras nacionais. A experiência de exílio de Neiva Moreira e Bissio exemplifica como esses intelectuais não apenas resistiram à repressão, mas também continuaram a promover suas ideias progressistas em contextos adversos, influenciando movimentos e pensadores em toda a América Latina.

Ao longo desse percurso, os intelectuais latino-americanos não apenas documentaram a história de suas respectivas nações, mas também se posicionaram como agentes de mudança que buscavam uma maior justiça social e democracia para suas sociedades. Seu legado é um testemunho da resiliência humana diante da adversidade e um lembrete do poder transformador do comprometimento político e intelectual na luta por um mundo mais justo e igualitário.

Portanto, suas histórias não são apenas registros de um período conturbado da história latino-americana, mas também inspiram gerações futuras a continuar lutando pelos direitos humanos, pela liberdade de expressão e pela dignidade das pessoas em todas as partes do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMADA, Jhonatan. (org.). **Neiva Moreira: semeador das rebeldias**. São Luís: Ed. Engenho, 2017.

ALBUQUERQUE, Germán. **Tercermundismo y No Alineamiento en América Latina durante la Guerra Fría**. Santiago (Chile): Ediciones Unubicalistas, 2022. 225 p. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&&p=718c07fea300117bJmltdHM9MTY3NjU5MjAwMCZpZ3VpZD0wYzEzYjY0My1hOGYxLTY3ZDktMWE2Zi1hNDI0YTk5YTU2YjAmaW5zaWQ9NTE2NA&ptn=3&hsh=3&fclid=0c13b643-a8f1-67d9-1a6a424a99a66b0&psq=Tercer+mundis>

ALBURQUERQUE, Germán. **O terceiro-mundismo no campo cultural argentino: uma sensibilidade hegemônica (1961-1987)**. Revista Tempo, [S.l.], v. 19, n. 35, p. 211-228, 2013. DOI: 10.5533/TEM-1980-542X-2013173512. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/tKW65C9KF76Z7ykH7hGKdxJ/?format=pdf>. Acesso em: 27 jul. 2024.

ALBURQUERQUE, Germán. Los intelectuales latinoamericanos y la construcción cultural del Tercer Mundo: concepto, imagen, ideología (1952-1991). Campinas, SP: História Social. Revista da pós-graduação em história – Unicamp, 2010. Disponível em: https://www.academia.edu/8168241/Los_intelectuales_latinoamericanos_y_la_construcci%C3%B3n_cultural_del_Tercer_Mundo_concepto_imagen_ideolog%C3%ADa_1952_1991_. Acesso em: 27 jul. 2024.

BISSIO, Beatriz; MOREIRA, Neiva. **Os cubanos na África**. São Paulo: Parma, 1979. p.110

BASCETTI, Roberto. **Tercer mundo y tercera posición: desde sus origenes hasta nuestros días**. Buenos Aires: Jeronesdemvida, 2015. 724 p. Disponível em: <https://archive.org/details/tercermundoyterc0000unse/page/6/mode/2up>. Acesso em: 19 dez. 2022.

BISSIO, Beatriz. **Bandung, Não Alinhados e Mídia: o papel da revista “Cadernos do Terceiro Mundo” no diálogo Sul-Sul**. Rio Grande do Sul: Revista Brasileira de Estratégia e Relações Internacionais e-ISSN 2238-6912 | ISSN 2238-6262| v.4, n.8, Jul./Dez. 2015 | p.21-42

BORDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Brertand Brasil, 1989. 305 p.

BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: DELGADO, Lucília de Almeida; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano: O tempo do regime autoritário**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2003. p. 14-41.

CHARTIER, Roger. **A Mão do autor e a mente do editor**. 1. ed São Paulo: Editora Unesp, 2014. .

COELHO, José; GRILL, Igor. in: Anais do II Seminário Nacional de Sociologia da UFS, 2016, Sergipe. **“CAUSAS”, ENGAJAMENTOS POLÍTICOS E PRODUÇÃO ESCRITA NA TRAJETÓRIA DE NEIVA MOREIRA**. Sergipe: Ppgs, 2016. 512 p. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=b6ee0968bac4f869JmltdHM9MTY2OTkzOTIwMCZpZ3VpZD0wYzEzYjY0My1hOGYxLTY3ZDktMWE2Zi1hNDI0YTk5YTY2YjAmaW5zaWQ9NTE2Mg&ptn=3&hsh=3&fclid=0c13b643-a8f1-67d9-1a6f-a424a99a66b0&psq=causas+e+engajamentos+pol%C3%adticos&u=a1aHR0cHM6Ly9yaS51ZnMuYnlvYml0c3RyZWFlL3JpdWZzLzEyOTE0LzlvQ2F1c2FzRW5nYWphbWVudG9zUG9saXRpY29zLnBkZg&ntb=1>. Acesso em: 19 out. 2022.

COMPAGNON, Olivier. **L’Euro-Amérique en question. Comment penser les échanges culturels entre l’Europe et l’Amérique latine**. Nuevo Mundo – Mundos Nuevos (Paris), févr. 2009.

CORA, Gamarnik. **El fotoperiodismo en Argentina. De Siete Días Ilustrados a la agencia Sigla**. Ediciones ArtexArte, Buenos Aires: 2020. 328p. Disponível in: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S185204992021000100165#:~:text=Una%20de%20las%20hip%C3%B3tesis%20centrales%20del%20libro%20de,una%20de%20sus%20aristas%20-ahora%20sabemos-%20m%C3%A1s%20destacadas.

CRUZ, Fábio Lucas da. **Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para a militância política (1965-1979)**. 2016. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. doi:10.11606/T.8.2016.tde-04102016-125816. Acesso em: 2023-08-29.

ESPÓSITO, Fábio Adorno. **“Não comprometidos”: o Movimento dos Países Não-Alinhados nas páginas do jornal O Estado de S. Paulo em 1961**. 2019. 368 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 201e

FERNANDES, Ananda Simões. **A perseguição além da fronteira: os órgãos de repressão e espionagem da ditadura brasileira para o controle dos exilados brasileiros no Uruguai**. Estudos Históricos, [S.l.], n. 1, maio 2009. ISSN 1688-5317. Disponível em: https://estudioshistoricos.org/edicion_1/ananda-simoes.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024

FONSECA, P. C. D.; SALOMÃO, I. C. **Vargas e Goulart: o populismo em questão. Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, v. 10, n. 24, p. 66-97, 2020.

GEROMEL, Barbára. O exílio consureño das décadas de 1960 a 1980: considerações sobre o caso argentino. in: **V Encontro Discente de História da UFRGS**, Porto Alegre, v. 13, n. 29, janeiro 2022

GIRO, R. **Fidel Castro: biografía a dos voces**. Editorial Planeta, 2002.

HERNANDEZ, Leila Leite. **África na Sala de Aula: visita à história contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2008. 470 p.

HERRERA, Felipe. **América Latina y El Tercer Mundo**. In: SEMINÁRIO DE LATINO AMERICANO DE PROMOÇÃO DE EXPORTACIONES. Caracas: Estudios Internacionales, 1976. p. 1-32. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=3ca6eae20e99667cJmltdHM9MTY3NjU5MjAwMCZpZ3VpZD0wYzEzYjY0My1hOGYxLTY3ZDktMWE2Zi1hNDI0YTk5YTY2YjAmaW5zaWQ9NTlyMA&ptn=3&hsh=3&fclid=0c13b643-a8f1-67d9-1a6f-a424a99a66b0&psq=El+tercer+Mundo+y+a+Am%C3%A9rica+Latina&u=a1aHR0cHM6Ly93d3cuanN0b3lub3JnL3N0YWJsZS9wZGYvNDEzOTI1MDQucGRm&ntb=1>. Acesso em: 23 out. 2022.

HOBSBAWM, Eric J.. **A era dos extremos**: o breve século xx. 2. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 1975. 632 p. Disponível em: https://www.academia.edu/83551148/Era_dos_Extremos_1914_1991_Eric_J_Hobsbawm. Acesso em: 091 nov. 2022.

HOBSBAWM, Eric J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A, 1992. 588 p.

KENDZERSKI, Nádia Cristiane Coelho da Silva. "Sé que muchos piensan que, porque soy una mujer, no puedo llevar el timón...": as visões antagônicas sobre Isabel Perón através da imprensa partidária peronista (1973-1976). 2020. 168 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020. Disponível em: https://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/handle/prefix/6905/Dissertacao_Nadia_Kendzerski.pdf?sequence=1. Acesso em: 7 ago. 2024.

LACERDA, Maykon Albuquerque. "As cangalhas maranhenses": o coronelismo configurado na imagem de Vitorino Freire, entre 1945 a 1965. Revista Mundo Livre, Campos dos Goytacazes, v. 5, n. 2, p. 115-131, ago./dez. 2019. Disponível em: <https://ia803208.us.archive.org/32/items/revista-mundo-livre-v.-5-n.-2-jul-dez-2019/115%20275-894-1-PB.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2024.

LUCA, Tania Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005. _____. A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo, Unesp, 1998.

MEHL, Larissa. **A Mídia Latinoamericana na Guerra Fria**: na sombra da influência estadunidense. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/5195248/A_M%C3%ADdia_Latinoamericana_na_Guerra_Fria_na_sombra_da_influ%C3%Aancia_estadunidense. Acesso em: 27 jul. 2024.

MARIGONI, Gilberto. Peronismo e perenidade – A longa trajetória de um movimento em constante mutação. Revista Eletrônica da ANPHLAC, [S.l.], v. 20, n. 28, p. 474-482, jun. 2020. ISSN 1679-1061. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3857>. Acesso em: 07 ago. 2024. doi: <https://doi.org/10.46752/anphlac.28.2020.3857>.

MOREIRA, José Guimarães Neiva; BISSIO, Beatriz. **Os cubanos na África**. São Paulo: Global, 1979. 110 p.

MOREIRA, Neiva. **Modelo Peruano**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S.A, 1975. 224 p.

MOREIRA, Neiva; LOUZEIRO, José. **O pilão da madrugada**: um depoimento a José Louzeiro. Rio de Janeiro: Terceiro Mundo, 1989. 418 p.

MORAES, D. de; RAMONET, I.; SERRANO, P. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013.

PADRÓS, Enrique Serra. **A ditadura civil-militar uruguaia: doutrina e segurança nacional**. *Varia Historia*, Belo Horizonte, v. 28, n. 48, p. 495-517, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3844/384434846002.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2024.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz; MEDEIROS, Klei. **O prelúdio da Cooperação Sul-Sul: da Conferência de Bandung à Conferência de Bueno Aires (1955-1978)**. Porto Alegre, set. 2015.

PECAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação**. Trad. Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Ática, 1990.

PIACENTINI, Pablo. **Diálogos do Sul**. 2 de out de 2014. Disponível em: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/ips/51216/ips-meio-seculo-de-luta-contra-o-subdesenvolvimento>

POZO, Maria José. **El mundo da inter press servie: una cobertura informativa global**. CIO, n ° 2. Servicio de Publicaciones UOM. Janeiro, 1995.

PROGRAMA FALOU e DISSE entrevista Beatriz Bissio. [S.l]: Canal Taba Tv, 2021. (69 min.), P&B. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eJukORm15vs>. Acesso em: 14 out. 2022

Prashad, Vijay. **Uma História Popular do Terceiro Mundo**. São Paulo: Editora Contexto, 2018.

RESENDE, Marcos Taroco. **As políticas econômicas das ditaduras do Chile (1973-1982) e da Argentina (1976-1982) sob um ângulo comparativo**. *Revista Economia*, Curitiba, v. 42, n. 77, p. 127-148, jan./jun. 2020. DOI: 10.5380/re.v42i77.72257. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/72257>. Acesso em: 07 ago. 2024.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira; AYLA, Vinícius Mariano de. **Exílios latino-americanos e solidariedade transnacional durante a Guerra Fria**. Researchgate, 2022. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/365357610_Exilios_latino-americanos_e_solidariedade_transnacional_durante_a_Guerra_Fria. Acesso em: 28 jul. 2024.

RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Lisboa: Seara Nova, 1975. 418 p.

SAIN, Marcelo Fabián. **La argentina de Menem: la construcción del orden neoliberal. Buenos Aires:** Universidad Nacional de Quilmes, 2000.

SANTOS, Desirree dos Reis. **Memórias de exílios:** um estudo sobre trajetórias de exilados brasileiros durante a ditadura militar. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. Anais [...]. Natal: ANPUH, 2013. Disponível em: https://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/15/1338477121_ARQUIVO_DesirreeReisMemoriasdeexiliosAnpuh2012.pdf. Acesso em: 28 jul. 2024.

SARLO, Beatriz. **“Intelectuales y revistas: razones de una práctica”**. In America, Cahiers du CRICCAL, París, Sorbonne la Nouvelle, Núm. 9-10 (1992).

SAMPAIO, Thiago Henrique Sampaio. **Argélia e a questão colonial: interpretações sobre o colonialismo**. CLIO: Revista de Pesquisa Histórica - CLIO (Recife. Online), ISSN: 2525-5649, n. 37, Jan-Jun, 2019

SILVA, João Ubiratan de Lima e; PHILIPPINI, Ruth Aparecida Sales. **Israel e Palestina: da "Terra Santa" a um território em conflito**. Revista Ciência Contemporânea, [S.l.], v. 2, n. 1, p. 163-180, jun./dez. 2017. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31. Acesso em: 07 ago. 2024.

SIMÕES, Silvia Sônia. **O golpe de estado e a primeira fase da ditadura civil-militar no Chile**. Espaço Plural, Marechal Cândido Rondon, v. 13, n. 27, p. 195-213, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4459/445944369014.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2024.

SOUZA, Antonio Paulinho de. **Gênese social do editor e as novas condições de produção de livro**. Caderno C R H, Salvador, v. 28, n. 73, p. 215-230, jan./Ab. 2015.

TERCER MUNDO. Buenos Aires (Argentina): La Línea, v. 1, set. 1974. Mensal.

TERCER MUNDO. Buenos Aires (Argentina): La Línea, v.5, out. 1975. Mensal.

TEIXEIRA, Dhuna Schwenke; LOHN, Reinaldo Lindolfo. **O Brasil e o movimento "terceiro-mundista": conexões internacionais e lutas políticas nas páginas de "Cadernos do Terceiro Mundo" (1974-1980)**. In: UDESC, 2023. Disponível em: https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/14610/Dhuna_Schwenke_Teixeira___Resumo_expandido_16341430556132_14610.pdf. Acesso em: 27 jul. 2024.

VASCONCELOS, Lúcio Flávio. **Ditadura militar e reformismo no Peru (1968-1975)**. Revista de História, João Pessoa, n. 32, p. 127-148, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/srh/article/view/27094/14445>. Acesso em: 07 ago. 2024.

WOLKMER, Antonio Carlos. **O Terceiro Mundo e a nova ordem internacional**. São Paulo: Ática, 1989. 96 p

WASSERMAN, Claudia. **Democracia e ditadura no Brasil e na Argentina**: o papel dos intelectuais. Revista de História, Campo Grande, MS, v. 6, n. 11, p. 189-213, jan./jun. 2014.